



ISTO É **Gente** semanal

4 de novembro de 2002

★ **UM ÁLBUM FOTOGRÁFICO**
COM OS MAIORES MOMENTOS DA TRAJETÓRIA DO EX-LÍDER SINDICAL QUE VAI GOVERNAR O BRASIL

★ **CONHEÇA** AS PESSOAS QUE VÃO AJUDAR A MONTAR O GOVERNO LULA

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

DE METALÚRGICO A PRESIDENTE

Portugal Continente - 1,30 - IVA (pessoa)

www.istoegente.com.br

ISSN 1516-8204



00170
9 771516 820000

Ano IV N° 170
RS 4,90

20 CAPA O PRESIDENTE LULA DA SILVA

Luiz Inácio Lula da Silva é o primeiro operário a eleger-se presidente do Brasil

Seções

Carta ao Leitor	06
Entrevista	08
Urgente	14
Agito	62
Aconteceu	64
Exclusivas	66
Passatempo	80
Caixa Postal	81
Celebridade	82

Diversão & Arte



Xuxa fala da estréia de seu novo programa infantil, na Globo

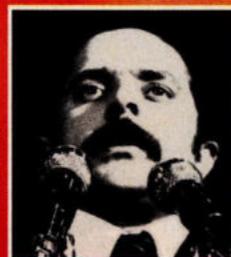
Cinema	67
Música	70
Livros	74
Televisão	76
Teatro	78
Internet	79



PITI REAU

09 "O POVO NÃO TEM CONDIÇÕES DE ESPERAR MUITO"

Marta Suplicy, prefeita de São Paulo, diz que Lula tem de sinalizar logo mudanças para a população e ressalta a participação de Marisa na campanha



PRENSA TRÊS

26 ASSIM SE FEZ O PRESIDENTE

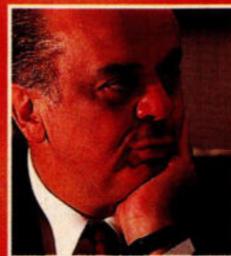
Álbum histórico mostra como Lula liderou greves, enfrentou a ditadura, passou pela prisão, entrou na vida partidária e rodou o Brasil com as caravanas da cidadania



ALAN RODRIGUES

50 OS PODEROSOS DO PT

Conheça as pessoas que ajudarão a montar o governo Lula, como o deputado José Dirceu, que tem tudo para ser o próximo presidente da Câmara dos Deputados

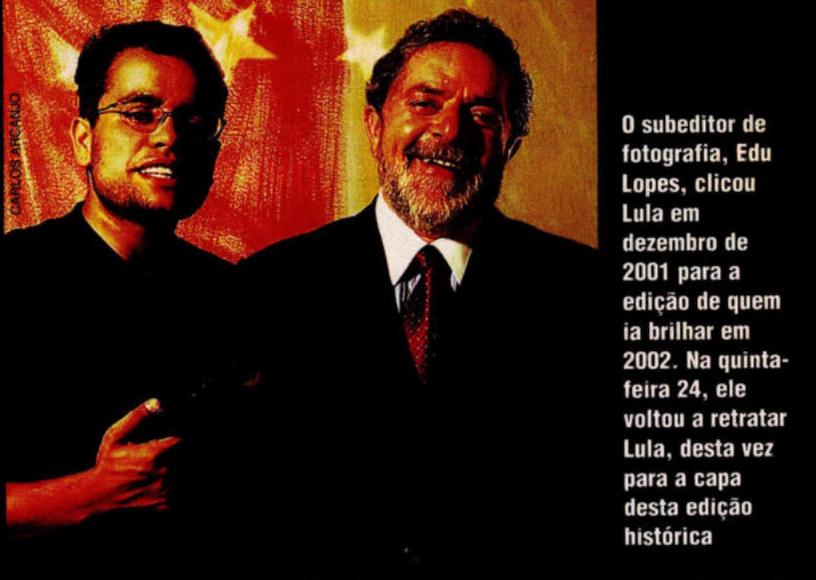


ROBERTO JAYME

60 O FIM DE UMA ERA

A derrota de José Serra encerra os oito anos de poder dos tucanos, que deixou como herança a inflação sob controle, mas uma economia estagnada





O subeditor de fotografia, Edu Lopes, clicou Lula em dezembro de 2001 para a edição de quem ia brilhar em 2002. Na quinta-feira 24, ele voltou a retratar Lula, desta vez para a capa desta edição histórica

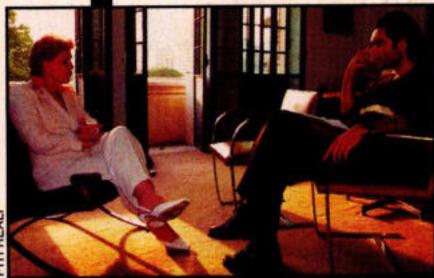
A magnífica história do presidente Lula

Como gostava de dizer o ex-presidente Fernando Collor, o tempo é o senhor da razão. Passaram-se treze anos do histórico embate entre Collor e Lula e o tempo hoje pertence a Luiz Inácio da Silva. Como insistiu em reafirmar nesta quarta campanha à Presidência, Lula tem no presente a chance de garantir, num futuro imediato, algo que um dia já foi bastante comum aos brasileiros: a perspectiva de oportunidades de crescimento. É o tempo de um grande projeto, o do resgate do

sonho da mobilidade social pelo crescimento econômico, aquele que Lula viveu e representa melhor que ninguém em função da própria trajetória.

O 30º presidente da história republicana do Brasil, o 17º eleito pelo voto direto, tem uma biografia singular. Nunca um retirante, operário, líder de sindicato de trabalhadores chegou ao mais alto cargo do País. Nunca um partido como o PT levou a Presidência do Brasil, em 113 anos de vida republicana. Esta edição é quase integralmente dedicada a este momento histórico, um relato também dividido em três tempos: a festa da vitória de Lula, seguida de um histórico álbum fotográfico que, em 12 momentos, resume a trajetória de 25 anos do metalúrgico que virou presidente, e, por fim, os planos das pessoas que farão o futuro governo do PT.

Luciano Suassuna
Diretor de Redação



PITTI REALI



CLAUDIO GATTI

O editor-assistente Rodrigo Cardoso entrevistou Marta Suplicy para as páginas verdes e o marido dela, Luis Favre, para a reportagem sobre as pessoas influentes do novo governo

Fotos da capa: Lula (Edu Lopes)



EDITOR E DIRETOR RESPONSÁVEL
DOMINGO ALZUGARAY
EDITORA
Cátia Alzugaray

Grupo Gente

DIRETOR DE REDAÇÃO
Luciano Suassuna

REDATORA-CHEFE
Gisele Vitória

DIRETOR DE ARTE
José Pereira de Godoy

EDITOR DE FOTOGRAFIA
Cesar Itiberê

TEXTO

Editoras: Daniela Mendes, Mariana Kall e Sílvia Ruiz

Editores Assistentes: Mariana Morisawa e Rodrigo Cardoso

Repórteres: Dirceu Alves Jr., Fábio Farah, Juliana Lopes, Luciana Franca e Marina Monzillo

Atendimento ao leitor: José Paulo Ferrer

FOTOGRAFIA

Subeditor: Edu Lopes Fotógrafos: Pili Reali e Silvana Garzaro
Produção Editorial: Denis Teixeira e Thailana Debiagi

ARTE

Chefe de arte: Sérgio Rocha Rodrigues

Diagramadores: Alton Andrade, Diógenes Belmonte, Luciana Mafra e Rodrigo Saldanha

Ilustradores: Gustavo Grandjean (chefe) e Emerson Luis Cação

SUCURSAL RIO DE JANEIRO

Chefe: Rosângela Honor Repórteres: Eduardo Minc, Luis Edmundo Araújo e Vivianne Cohen Fotógrafos: André Durão (editor assistente), Carol Feichas e Leandro Pimentel
Apoio Administrativo: Eleusa Alves (secretária) e Valquíria Garcia (auxiliar)

SUCURSAL BRÁSILIA

Repórter: Cecília Maia (subeditora)
Fotógrafo: Felipe Barra

COLABORADORES

Alessandro Giannini, Cristian Avello Cancino, Domingas Person, Francisco Viana, Guga Stroeter, Mauro Ferreira, Nirlando Beirão, Paula Alzugaray, Ramiro Zwetsch

APOIO ADMINISTRATIVO

Gerente: João Eduardo Neumann Secretária: Kátia Tobias
Aux. Administrativo: Murilo R. Constantino

PRENSA TRÊS: Diretor: Dilco Covizzi Pesquisas: Eduardo A. Conceição Cruz
ESTÚDIO FOTOGRAFICO: Laboratório: Carlos Alberto de Oliveira, Dirceu de Jesus e Cleonir S. Romão SERVIÇOS GRÁFICOS: Diretor Industrial: Orlando Murad Coordenadora Gráfica: Jozilene Alves Teixeira

DIRETOR EXECUTIVO

Carlos Alzugaray

MARKETING

Gerente: Juliana Leão 3PROFAGANDA: Redatora: Ana Paula de Andrade
Designer: Christiane S. Messias

PUBLICIDADE

SÃO PAULO: Diretor: Luiz Alberto de Campos Secretária Diretoria Publicidade: Julia Sconza Gerentes Executivos: Fabiane Nunes, Wilmir Lino Gonçalves Executivas de Publicidade: Juliana Garcia, Roberta Bozian, Viviane Gomes Assistente de Publicidade: Ana Paula Almeida dos Santos Gerente de MKT Publicitário: Patricia Augusto Corrêa Coordenadora de MKT Publicitário: Iris Ribeiro Gerente de Coordenação: Aida Maria Reis Coordenadora de Publicidade: Rosemeiri Maria Dias Coordenador Jr. de Publicidade: Gilberto Di Santo Filho Coordenador de Projetos Especiais: Francisco Viana. RIO DE JANEIRO: Diretor: Francisco de Paula Freitas Gerente: Paulo R. P. Freitas. Tels.: (21) 2240-2075 e 2240-2523. BRÁSILIA: Gerente de Publicidade: Marcelo Strufaldi, Tel.: (61) 223-1205, 223-1207, fax (61) 223-7732. BELO HORIZONTE/IMG: Cátia Maria de Oliveira - 1ª Página Publicidade Ltda. - Tel./Fax: (31) 291-6751/6913. JUIZ DE FORA/PPF: Maria Maria Craço - MCC Representações e Publicidade - Tels.: (41) 223-0060 e 9962-9554. FLORIANÓPOLIS/SC: Edson Leão Ronchi - Tel./Fax: (48) 284-1793. PORTO ALEGRE/RS: Roberto Gianoni - RR Gianoni Comércio & Representações Ltda. - Tel./Fax: (51) 3388-7712. RIBEIRÃO PRETO/SP: Maria Emília Mazzei Campana - ME - Tel./Fax: (16) 629-2119. RECIFE/PE: Aberlides Nicácio - Nova Representações Ltda. - Tel./Fax: (81) 227-3433. SALVADOR/BA: Ipojuca Cabral - Verbo Comunicação Empresarial & Marketing Ltda. Tel./Fax: (71) 358-8654/358-0478.

OPERAÇÕES

Diretor: Gregório França

VENDA AVULSA

Gerente: Joaquim Carqueijó Promoções: Nelson Mazzei Operações: Gilberto Moreira e Adilson Yoshio Circulação: Jorge Burgatti

LOGÍSTICA E DISTRIBUIÇÃO DE ASSINATURAS

Coordenadora Geral: Maria Aparecida Ataíde Coordenadoras Regionais: Sudeste: Thomy Perroni Sul/ Minas Gerais: Eva Farias Norte/Centro Oeste: Kleiton Tavares Nordeste: Leandro Vieira

ASSINATURAS

Diretor: Edgard A. Zabatá

Gerente de Marketing Direto e Fidelização: Luciana Rossi CRIAÇÃO: Diretor de Arte: Adriano Braga Teodoro Redator: Marco Aurélio Clements Gerente Administrativa de Assinaturas: Eliana Croscich Curuso Gerente de Assinaturas Sul: Pedro Henrique Bosco Gerente de Assinaturas Sudoeste e Centro-Oeste: Wanderley Quirino Lopes Gerente de Assinaturas Norte e Nordeste: Jason A. Neto Gerente de Planejamento e Operações e Atendimento ao Assinante: Anderson Lima

Isotê Gente ISSN 1414-7645 é uma publicação semanal do Grupo de Comunicação Três S. A. Redação e Administração: Rua William Speers, 1.088, São Paulo - SP, CEP: 05067-900, Fone: (11) 3618-4200, Fax da redação: (11) 3611-6706. Sucursais: Rio de Janeiro: R. Voluntários da Pátria, 45, sala 402 Botafogo - RJ CEP 22270-000 - Tel.: (21) 2539-2962 e Fax: (21) 2539-7979. Brasília: SCS, Quadra 2, Bl. D, Ed. Oscar Niemeyer, salas 1105/1106 - Tel.: (61) 321-2523 e 321-2651. Fax: (61) 225-4062.

Isotê Gente não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. Distribuição exclusiva em bancas para todo o Brasil. Fernando Chinaglia Distribuidora S. A. Rua Teodoro da Silva, 907 - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (21) 3879-7766, Fax: (21) 2577-6363. Distribuição em Portugal: Vasp Distribuidora de Publicações - Rua da Tancos, 16 - Edifício Bela - 4º piso - Queluz - Portugal (21) 439-6505. O material fotográfico internacional é transportado gentilmente pela VARIG. Impressão: Editora Três Ltda. Rodovia Arhanguera, km 32,5 CEP 07750-000 - Cajamar - SP

ANER

ELEIÇÕES 2002 - FAX: (11) 3611-8886
Para eleitos da Legislação estadual

IVZ

RETIRO EMPACAO E CIRCULACAO

“O povo não tem condições de esperar muito”

Prefeita de São Paulo diz que Lula tem de mostrar logo a que veio, ressalta participação na campanha da mulher dele, Marisa, e anuncia que vai se casar no papel novamente

Rodrigo Cardoso

Na metrópole que ela governa, o novo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, teve praticamente o dobro de votos do que o concorrente derrotado José Serra. O índice de aprovação de sua administração nunca esteve tão alto – 36% segundo o Datafolha. Marta Suplicy, 57 anos, e sua gestão em São Paulo fizeram a balança pesar para o lado do PT. Para tanto, ela subiu em palanque, participou de carreta, gravou programa, enfim, suou a camisa. “Muitas vezes, trouxe uma roupa para cá (prefeitura), me troquei e fui para outra atividade.” Com menos tempo para cuidar de si própria, diz que mudou os hábitos alimentares e de sono. “Isso não foi bom para minha saúde.” Com o fim das eleições, Marta, que tem três filhos e se prepara para ser avó pela segunda vez, aguarda a conclusão do processo de divórcio do ex-marido e senador Eduardo Suplicy para oficializar no papel, e com direito a cerimônia, sua relação com o assessor de relações internacionais do PT Luís Favre.

Como vê a vitória de Lula após três derrotas?

A admiração que o povo acabou tendo pelo Lula para elegê-lo presidente da República vem da persistência e capacidade de acreditar em si próprio. De minha parte, ressalto a capacidade do Lula de se manter candidato dentro do PT. E de uma forma democrática, disputando a candidatura internamente. Os mais politizados, que mais criticam, esquecem essa qualidade do Lula, a de ter criado esse partido. Esquecem que pessoas com todo recurso, como Olavo Setúbal (*do Banco Itaú*), tentaram criar um partido e não conseguiram. Pessoas que se acham acima do bem e do mal e que têm todo dinheiro disponível, como Antônio Ermírio de Moraes, tentaram se eleger e levaram um “não” das urnas. Lula persistiu, manteve o partido unido, acreditou que poderia ser presidente e exigiu as condições para sair candidato: uma aliança e o vice que queria. Isso não é pouca coisa.

O que ressaltaria nessa campanha que não viu nas anteriores?
Conjuntura política favorável, com

um governo Fernando Henrique fracassado depois de 8 anos, mais infra-estrutura do PT, harmonia e participação maior da Marisa (*mulher de Lula*), o que foi muito positivo. Ela participou dessa campanha e das outras, não. Acho que por causa dos filhos que já estão mais velhos. Ela não tem mais crianças em casa e isso facilitou para que se envolvesse. Isso é muito positivo não só

Marta participou da campanha de Lula: “Não deixei de administrar a cidade em nenhum minuto. Deixei de fazer coisas pessoais e dormi menos horas”, diz ela

FOTOS: PITI REAL



para Lula pessoalmente, mas como visibilidade também. O PT hoje governa 50 milhões de brasileiros, não precisava nem de Lei de Responsabilidade fiscal para o PT ser responsável, porque faz um governo transparente em todos os lugares. Hoje, fica mais difícil dizer mentiras sobre o PT. As pessoas não acreditam mais nelas, porque estão vivendo sob governos do PT.

Acredita que administrar a expectativa do povo será o grande desafio do governo Lula, no início do mandato?

São muitos os desafios: a crise que o Brasil vive frente à situação mundial e a expectativa também. Lula tem consciência de que terá de adotar algumas medidas para que o povo perceba que existe alguém que pensa nele lá em cima. O povo não tem condição de es-

perar muitos meses para perceber algo que chegue a ele.

A senhora viveu algo parecido na prefeitura?

Sim. No meu caso, mesmo as pessoas sabendo que a cidade estava estourada, queriam logo uma amostra do que estava mudando. E ficaram muito tristes quando isso não veio nos seis primeiros meses. Mas, hoje, temos

70% de índices de aprovação, entre ótimo, bom e regular, com um ano e dez meses. Mesmo com essas dificuldades, nosso governo em nenhum momento foi pior avaliado do que os de Maluf, Erundina, Jânio ou Pitta.

Que medida acha que o governo deve tomar logo de início?

Uma que diga ao povo pobre a que veio e algumas sinalizações de que haverá mudanças. E não precisa ser feito por meio de nomeações. O Lula, como o Nixon que, quando presidente dos Estados Unidos, abriu conversação com a China, tem condição de ter pessoas conservadoras para fazer política de esquerda. Notei em empresários que apóiam Serra, mas que têm conversado comigo, que eles estão animados com um governo Lula. Não vamos ter, no setor empresarial, inimigos ou adversários e sim no de mídia.

A senhora discorda de algumas avaliações feitas sobre a sua gestão?

O Datafolha fez uma coisa que não foi honesta. Nos últimos 15 anos, sempre analisou o primeiro ano e seis meses dos prefeitos. Comigo não foi assim, porque sabiam que minha avaliação estava muito melhor. Agiram assim para que o (José) Serra (candidato à Presidência derrotado) pudesse usar a avaliação (em programa político) antiga da minha prefeitura. Acho que não será fácil para o Lula nesse sentido. A imprensa não está lá para bater palma para o governo. Vai haver uma situação difícil de enfrentamento.

O tratamento da imprensa sobre sua gestão a surpreendeu?

Tive um tratamento surpreendente por parte da Rede Globo, absolutamente isento. Tinha um ponto de interrogação, mas a Globo faz um trabalho sobre o cotidiano da cidade muito importante, às vezes até difícil para mim, pois há denúncias de que está faltando isso e aquilo. Mas raramente são injustos.



“Olavo Setubal (dono do Banco Itaú) tentou criar um partido e não conseguiu. Pessoas, como Antônio Ermírio de Moraes, tentaram se eleger e levaram um “não” das urnas”

A administração da senhora em São Paulo foi uma vitrine na campanha do PT.

Disseram que seria uma vitraça, lembra? Adoro lembrar isso! A turma falava que eu seria a bola de ferro na campanha do Lula. Não vamos esquecer que Serra teve 22% na capital paulista (no primeiro turno) e o Lula, 42%.

A senhora sofreu bem menos pressões do partido do que a Erundina, por exemplo. Veicular a gestão da senhora foi uma forma de exibir a vitória do PT light?

Primeiro não acho que seja PT light. Depois, a Erundina não teve a vida atazanada pelo PT e sim atazanou-se com o partido. E fui capaz de fazer a negociação da minha campanha com o partido. O PT mais a esquerda foi incorporado a mim. Inclusive quem era o maior contraponto à

Erundina no governo dela, o Rui Falcão, é meu secretário de Governo. Não à toa sou psicanalista, tem de servir para alguma coisa! (risos) Não há disputas dentro do partido. Se alguém tinha dúvidas, o sangue que demos para a campanha do Genoino e do Lula não deixa dúvidas.

Mas a senhora se ausentou demais da cidade por conta das campanhas. Acha ético?

Só quem pagou o preço foi minha saúde, mais ninguém. Trabalhava o dobro. Tinha dias que saía daqui nove e meia da noite e as pessoas não ficaram sabendo. Não deixei de administrar a cidade em nenhum minuto. Deixei de fazer coisas pessoais e dormi menos horas. Nenhum ônus para a cidade.

Num governo Lula, a participação da mulher será maior em cargos?

Aumentamos em 45% a bancada feminina no Congresso Nacional. O partido que tem mais mulheres eleitas é o PT. Ter seis senadoras do calibre delas, sai da frente! Vai ser muito interessante o papel da mulher no Congresso. Num governo do Lula, não tenho idéia como será, nem conversamos a respeito. Não é fácil, porque mulher não tem poder político. Quando há negociações políticas, as mulheres não têm cacifes para serem chamadas. Aqti no meu governo tenho seis secretárias (em 17 pastas).

Como será para Lula administrar MST e FMI ao mesmo tempo?

Com mesmo jogo de cintura que ele usou a vida inteira. Não tem nada mais difícil de administrar do que o PT. E Lula foi sempre brilhante. O FMI é uma questão de clareza, responsabilidade, cumprimento de acordo e jogo aberto. Já o MST sabe quem é o Lula, sua trajetória e compromissos. Claro que não vão ficar quietos num governo Lula, mas serão atendidos com uma reforma agrária de-

cente como nunca tiveram. E se as coisas não ocorrerem da forma como esperamos e houver alguma atitude fora da lei (dos sem terra), não tenho dúvida de que Lula tomará as providências que manda a lei. Agora, para o MST, não será tão difícil chegar ao presidente como foi com o Fernando Henrique. E o fato de conversar, o diálogo, evita ações mais agressivas. Não precisa chamar atenção invadindo a fazenda do presidente.

Como foi seu primeiro contato com Lula?

No calçadão da Barão de Itapetininga (centro de São Paulo), onde o Eduardo (Suplicy, senador e ex-marido de Marta) organizou uma palestra em cima de caixotes. Lá, ele apresentou o Lula. O outro, faz vinte e três anos. Foi na minha antiga casa, numa conversa entre intelectuais e sindicalistas, antes da formação do PT. Era um grupo que tinha trabalhado na eleição do Fernando Henrique para o Senado e que se reunia ali para discutir a formação do PT. Na época, era psicóloga e estava servindo café. Eram seis, sete pessoas, entre eles o Fernando Henrique e cada um expôs sua visão de forma sofisticada, complexa, analítica. Olhava aquilo tudo e via aquele sindicalista sem falar uma palavra. Mas no final da reunião ele falou e resumiu em poucas palavras o que todos tinham dito, de uma forma muito mais clara e mostrando um outro ângulo.

Qual a primeira impressão que Lula passou para a senhora?

Fiquei pasma olhando para o Lula! Quando ele foi embora, disse ao Eduardo: “Você notou como ele captou o que falaram, assimilou e colocou tudo de forma mais simples? É brilhante essa pessoa”. Depois disso passamos a ter uma relação amistosa.

Politicamente, a senhora sempre se deu bem com Lula?

Gosto do Lula, sempre gostei. É uma coisa de afinidade. Nunca tive proble-



“Espero que ele (Favre) não volte para a França! Estamos casados. Apresento-o como marido. Marido! Marido! Quero me casar no papel novamente, com cerimônia”

mas de implicar com coisas que achava que ele estava errado. A minha entrada em cargo majoritário foi pelas mãos do Lula. Tinha idéia de ser candidata a governadora. Mas ele disse que eu tinha uma aceitação popular importante naquele momento. (em 2000). O Eduardo não quis ser candidato, o Genoino também não, ninguém queria. Era um mico ser candidato naquele momento porque não tinha nenhuma chance de ganhar. E o Eduardo já tinha sido sacrificado no partido várias vezes ao ser lançado como candidato sem ter chance de vencer. Aí, o Lula falou: “Por que não a Marta?”. Houve um susto partidário, mas aceitei em uma semana.

Luis Favre, com quem a senhora vive atualmente e que trabalhou na campanha com a equipe de Duda Mendonça, irá para Paris para descansar e ver os quatro filhos. O que fará

quando ele estiver fora?

Ele está mais exausto do que eu. A gente conversa durante o dia, a nossa vida social é intensa ainda. Outro dia fomos jantar fora. Vou ao cinema. Então, a dificuldade é essa: arrumo tempo para as coisas, mas fico cansada.

Como ficaria a relação de vocês caso Favre fosse trabalhar em Brasília com Lula?

Não conversamos sobre isso. Só espero que ele não decida voltar para a França! (risos). Nos consideramos casados, moramos juntos e estou esperando os papéis do divórcio porque espero me casar no papel novamente, com uma cerimônia. Moro com ele desde a hora que me separei. Mudei para uma casa, como falei para o Eduardo, e assumi uma relação com outra pessoa. É gozado porque nos tratam como namorados. Agora, a maioria das pessoas que mora com outra já não é mais considerada namorada. Eu o apresento como marido! Marido! Marido! Mas para a imprensa não adianta. Eu o levei para a missa do aniversário da cidade de São Paulo. Nunca tomaria tal atitude com um namorado. Conheço o suficiente de etiqueta e costumes para não fazer isso. O tratamento tinha de ser diferente e não é por preconceito.

A senhora visitou o senador Suplicy no hospital?

Sim. Soube na hora que ele decidiu operar (retirar próstata por causa de um câncer). O Eduardinho (Supla) me ligou. Por telefone, disse ao Eduardo: “Está certo. Quando opera?” E ele: “Hoje de noite”. Falei: “Credo! Soube agora e já quer operar!”. No dia seguinte, logo cedo, quis ir ao hospital para dar uma força, mas o Eduardinho disse: “Não precisa dar força, tô supertranquilo, pode trabalhar!”

Como está se saindo como avó?

Estou ótima, encantada. É lindo meu neto, uma gracinha. Vem mais um aí! Estou muito feliz.

O gol de honra do PSDB

GERALDO ALCKMIN – SP

O médico que governa o Estado mais rico do Brasil há pouco mais de um ano e meio, desde a morte do governador Mário Covas, em março de 2001, bateu o candidato petista, José Genoíno.

JU
ELEITORAL



AGLIBERTO LIMA/AE

PRESIDÊNCIA



CASSIO CUNHA LIMA – PB

Numa campanha repleta de trocas de acusações e denúncias, o jovem advogado lucano, ex-prefeito de Campina Grande e filho do senador Ronaldo Cunha Lima, venceu o atual governador do estado da Paraíba, Roberto Paulino



ESIO MENDES

IVO NARCISO CASSOL – RO

Governador eleito de Rondônia depois de derrotar José Bianco (PFL) com quase 60% dos votos válidos, o empresário é conhecido por destacada atuação quando foi prefeito da cidade de Rolim de Moura. Cassol deverá privilegiar a área social em sua gestão. O Estado teve um dos maiores índices de abstenção: 27%.

LÚCIO ALCÂNTARA – CE

O médico e senador, apoiado pelo governador Tasso Jereissati, teve uma das vitórias mais apertadas dessas eleições, sobre o petista José Ayrton.

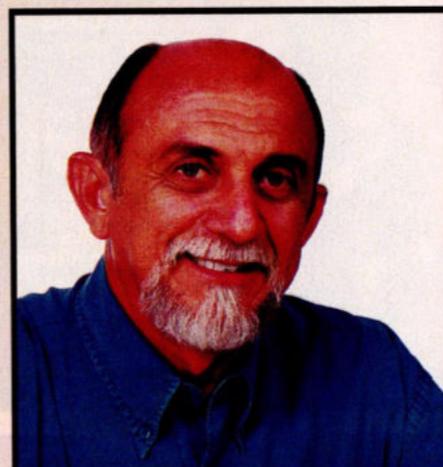


CID BARBOSA

Os tucanos ganharam grandes Estados e fizeram a maioria dos governadores no segundo turno

O PSDB não elegeu José Serra para a Presidência da República, mas garantiu a vitória em importantes regiões do País nessas eleições de 2002. Os tucanos vão governar sete Estados da federação. Após a vitória no primeiro turno de Aécio Neves em Minas Gerais, com 57,7% dos votos, e de Marconi Perillo em Goiás, com 51,2%, foi a vez de São Paulo reeleger Geraldo Alckmin para o Palácio dos Bandeirantes. Os tucanos levaram ainda outros quatro Estados, todos no Norte e no Nordeste.

No Ceará, Lúcio Alcântara teve uma vitória extremamente apertada sobre o petista José Ayrton. No Pará, o eleito foi Simão Jatene, que também bateu uma candidata do PT, Maria do Carmo. Na Paraíba, o novo governador é Cássio Cunha Lima, que venceu o atual governador, Roberto Paulino, do PMDB. Em Rondônia, Ivo Cassol ganhou de José Bianco, do PFL.



SIMÃO JATENE – PA

O economista e ex-secretário de produção do governo de Almir Gabriel (PSDB) conseguiu chegar ao governo do Pará, mas quase teve sua candidatura cassada, sob a acusação de se beneficiar da utilização de aviões e servidores estaduais durante a campanha eleitoral.

Quatro vitórias do PMDB

A votação do domingo 27 levou o PMDB à vitória em quatro Estados. Os três Estados da Região Sul e o Distrito Federal consagraram candidatos do PMDB como vitoriosos – além do governador pernambucano Jarbas Vasconcelos, reeleito no primeiro turno. Germano Rigotto, após garantir vaga no segundo turno para o governo gaúcho, derrotou o petista Tarso Genro. Luiz Henrique da Silveira ganhou em Santa Catarina após uma contagem voto a voto com Esperidião Amin (PPB). No Paraná, Roberto Requião tirou de Álvaro Dias (PDT) a chance de governar o Paraná. Numa virada acirradíssima, o governador Joaquim Roriz venceu Geraldo Magela (PT).



AE

GERMANO RIGOTTO – RS

Depois de começar a campanha para o governo do Rio Grande do Sul em último lugar, Rigotto assumiu a dianteira nas pesquisas no final de setembro e venceu o primeiro turno. No domingo 27, ele tirou o governo gaúcho das mãos do PT, depois de derrotar o ex-prefeito de Porto Alegre Tarso Genro, com mais de 52% dos votos

LUIZ HENRIQUE DA SILVEIRA – SC

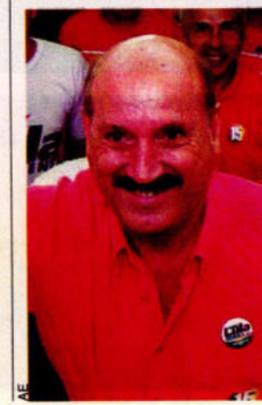
Em uma das disputas mais acirradas desta eleição, o candidato do PMDB foi eleito o novo governador de Santa Catarina com pouco mais da metade dos votos válidos, derrotando o atual governador, Esperidião Amin.



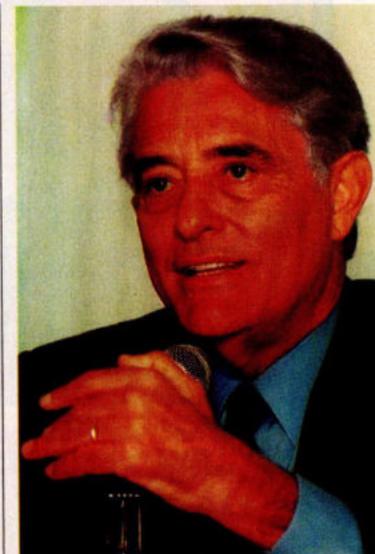
PRENSA TRÊS

ROBERTO REQUIÃO – PR

Aos 61 anos, o senador da República pelo PMDB volta ao governo do Paraná com mais de 55% dos votos válidos depois de tirar a chance de o pedetista Álvaro Dias vencer a eleição.



AE



WILSON PEDROSA/AE

JOAQUIM RORIZ - DF

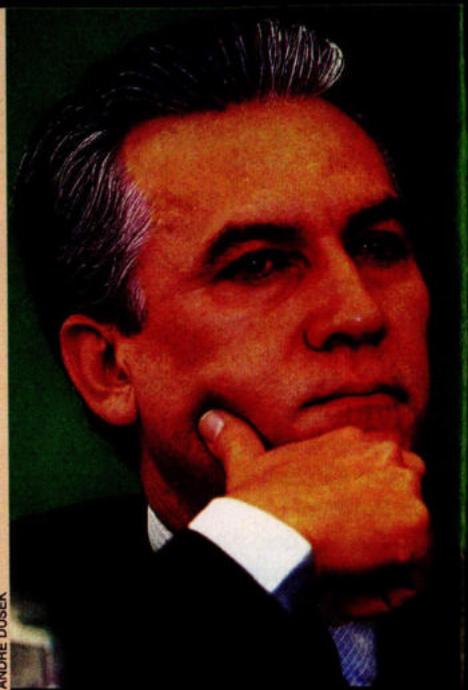
Na apuração das últimas urnas do Distrito Federal, o candidato ao governo Joaquim Roriz (PMDB) ultrapassou o primeiro colocado Geraldo Magela (PT) e garantiu a reeleição.

Poucos PETISTAS

nos Estados

A onda Lula não ajudou os candidatos nos Estados: depois de eleger dois governadores no primeiro turno (Acre e Piauí), o PT perdeu em sete dos oito Estados em que disputou o segundo turno

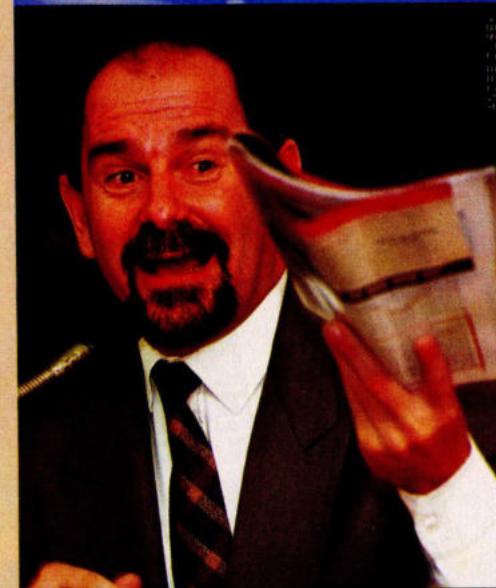
A vitória do petista Luiz Inácio Lula da Silva na Presidência não refletiu a preferência pelo Partido dos Trabalhadores ao governo da maioria dos Estados. O partido elegeu seu candidato em apenas um dos oito Estados brasileiros em que disputava o segundo turno. José Orcírio Miranda dos Santos (PT), o Zeca do PT, venceu a disputa contra Marisa Serrano (PSDB) e foi reeleito governador de Mato Grosso do Sul com 53,7% dos votos. Mas a excitação petista não surtiu efeito em urnas de outros Estados. Na disputa mais acirrada do segundo turno, o atual governador do Distrito Federal Joaquim Roriz (PMDB) derrotou por margem mínima o candidato petista Geraldo Magela. A surpresa de José Genoíno para o segundo turno não garantiu a vitória do partido no governo paulista. A vitória no Rio Grande do Sul foi marcada pela oposição. Germano Rigotto, da União pelo Rio Grande (PMDB-PHS-PSDB), que disputava o cargo com Tarso Genro (PT), é o novo governador do Estado, substituindo o atual governo petista de Olívio Dutra. Os demais candidatos do Partido dos Trabalhadores, José Airton, do Ceará, Dalva Figueiredo, do Amapá, Zé Eduardo, de Sergipe, e Maria do Carmo, do Pará, também foram derrotados.



ANDRÉ DUBEK

GERALDO MAGELA – DF

Na disputa mais acirrada do segundo turno, o petista perdeu para Joaquim Roriz (PMDB)



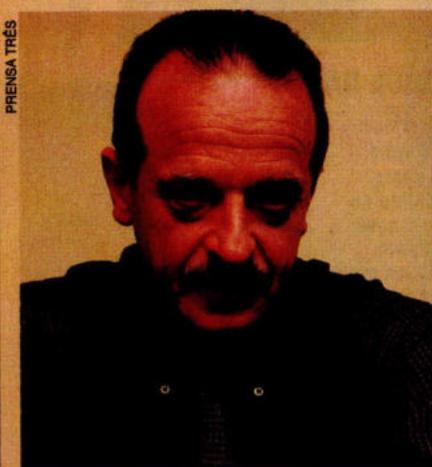
JOSÉ EDUARDO DUTRA – SE

O petista teve 45% dos votos e perdeu para João Alves (PFL), que conquistou 55% do eleitorado

ZECA DO PT – MS
Venceu Marisa Serrano (PSDB) e foi reeleito governador com 53,7% da preferência do eleitores



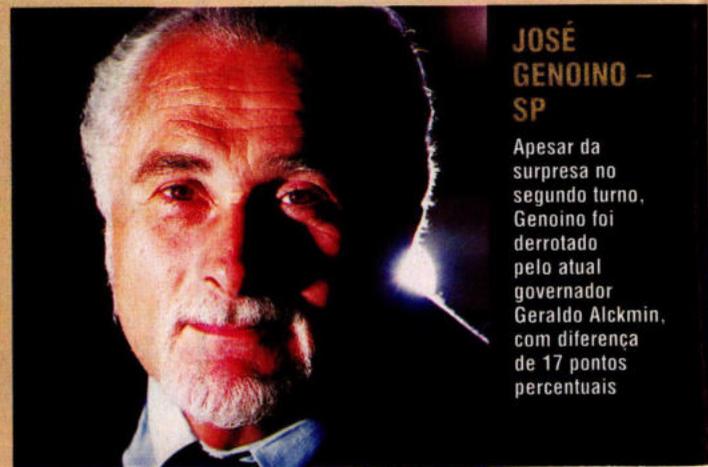
RICARDO STUCKERT



PRENSA TRÊS

TARSO GENRO – RS

Não garantiu a reeleição do partido no Estado. Perdeu para Rigotto com 47,3% dos votos



JOSÉ GENOÍNO – SP

Apesar da surpresa no segundo turno, Genoíno foi derrotado pelo atual governador Geraldo Alckmin, com diferença de 17 pontos percentuais

Governadores de outros partidos

Além do PSDB, PT e PMDB, outras siglas voltam ao poder a partir das eleições do dia 27. PFL, PSL, PSB e PDT conquistaram um Estado cada



JOÃO ALVES (PFL) foi eleito o novo governador de Sergipe. Ele derrotou o candidato do PT Zé Eduardo



FRANCISCO FLAMARION (PSL) foi eleito o novo governador de Roraima, depois de vencer nas urnas Ottomar Pinto (PTB)



VILMA FÁRIA (PSB) é primeira mulher a governar o Rio Grande do Norte, depois de derrotar Fernando Freire, candidato do PPB



ANTÔNIO WALDEZ GÓES DA SILVA levou o PDT ao governo do Amapá depois de vencer a disputa contra a petista Dalva Figueiredo



MARIA DO CARMO – PA

Não conseguiu o governo paraense. Foi desbancada por Simão Jatene (PSDB)



JOSÉ AIRTON – CE

Perdeu as eleições no Ceará por uma pequena diferença. Num colégio de 4,8 milhões de eleitores, Lúcio Alcântara (PSDB) ganhou com apenas 2.900 votos



DALVA FIGUEIREDO – AP

Com quase 10 pontos de vantagem, Antônio Waldez (PDT) venceu a petista

JORNAL O POVO

REPRODUÇÃO

IMAPRESS

Com quase 62% dos votos válidos, Lula alcança a meta perseguida há 13 anos, é o primeiro operário a chegar à Presidência do Brasil e encara agora o desafio de promover desenvolvimento com justiça social

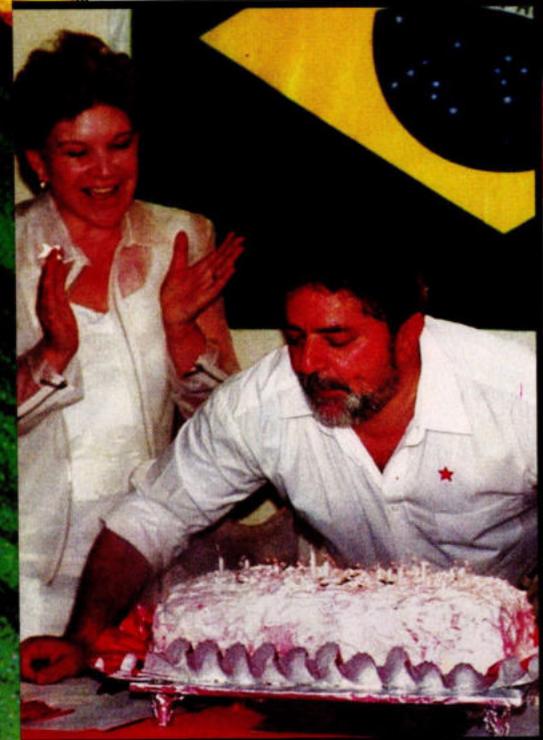
Juliana Lopes

Dois dias antes da eleição que o consagrou como o político mais votado da história do Brasil, com mais de 50 milhões de votos, Luiz Inácio Lula da Silva relutava em acreditar que alcançaria, enfim, a meta perseguida nos últimos 13 anos. “Como não vai querer festa, Lula?”, indagava-lhe o presidente do PT, José Dirceu, no comitê de campanha. Após três derrotas consecutivas em disputas presidenciais, Lula negligenciava as pesquisas e continuava a contar eleitores. Na véspera do pleito, rearranjou a agenda da equipe de filmagem do cineasta João Moreira Salles, que prepara um documentário sobre a campanha vitoriosa, para não perder os votos dos integrantes que moram no Rio de Janeiro. “Vocês votam cedo e vêm para cá”, insistiu Lula, refazendo a idéia deles de justificar o voto para poder acompanhá-lo no dia decisivo. “Prometo que só saio de casa quando vocês chegarem”, encerrou o assunto. Ganhou aí mais cinco votos que não teve no primeiro turno porque os eleitores ficaram em São Paulo, acompanhando o candidato.

O PRESIDENTE LULA DA SILVA

Dois dias antes da eleição, Lula se recusava a comemorar a vitória. Agora, é o recordista de votos da história do Brasil

Antes do resultado, a vitória de Lula foi saudada disfarçadamente. Três bolos para saudar seu 57º aniversário foram oferecidos por amigos: primeiro no Rio, sexta-feira 25, após o debate, e o segundo em São Bernardo, no sábado 26. Domingo 27, Lula apagou 57 velinhas com 60 crianças no salão de festas de seu prédio (fotos à dir. e abaixo)



FOTOS: JOSÉ LUIS DA CONCEIÇÃO/VE

Ao contrário da sua primeira campanha presidencial, em 1989, quando recusou o apoio do deputado Ulysses Guimarães, e perdeu a corrida para Fernando Collor justamente pela diferença de votos que Ulysses poderia aportar ao PT, Lula ganhou a eleição de 2002 aceitando todos os apoios, procurando o máximo de eleitores, contando cada voto. E a festa da vitória, que tomou as ruas de várias cidades do Brasil na noite do domingo 27 de outubro,

começou tímida, disfarçada de presente de 57º aniversário, tão logo foi encerrado o último ato oficial da incrível campanha presidencial de 2002: o confronto contra José Serra, no debate promovido pela Rede Globo, na sexta-feira 25 de outubro.

Após deixar os estúdios da Globo, Lula partiu para a casa de show Garden Hall, na Barra da Tijuca, onde um bolo de aniversário foi oferecido pela governadora Benedita da Silva. Junto com a prefeita Marta Suplicy e o ex-governador Leonel Brizola, Lula ouviu "parabéns pra você" de 300 convidados. No sábado 26, em São Paulo, outro bolo. Este, decorado com a sua imagem carregando uma ferramenta de metalúrgico, foi levado a seu prédio por sindicalistas de São Bernardo do Campo. E para sacramentar o dia da vitória, o síndico do prédio onde os Silva residem abriu o salão de festas pouco antes das 10 horas para 60 crianças cantarem parabéns para o petista, antes de ele sair para votar.

Numa prova simbólica de que muita coisa já mudou, Lula e o PT se prepararam para acompanhar a apu-

ração num hotel cinco estrelas de São Paulo (e não no comitê de campanha ou na sede do partido, como em outras ocasiões). Ao candidato, seria reservada a suíte presidencial. Como ela foi ocupada por um príncipe árabe, Lula ficou um andar abaixo, na suíte executiva do hotel Meliá. Desceu para o almoço no restaurante do hotel e comeu camarões com penne. Às 22 horas, saiu rumo ao hotel Intercontinental, onde deu sua primeira entrevista.

Tanta euforia é amparada pelos números. Com quase 62% dos votos válidos, Lula teve, no segundo turno de 2002, mais votos que Fernando Henrique Cardoso no auge da popularidade do Plano Real. Em 1994, FHC venceu no primeiro turno com 54,27% dos votos válidos e, quatro anos depois, se reelegeu com 53,06%. O sucesso nas urnas deve-se, em grande parte, às mudanças que o PT sofreu nos últimos três anos. O partido passou a ser chamado de PT Light. E Lula, o metalúrgico de cara amarrada que causava arrepios na elite, virou o "Lulinha paz e amor", sedutor de empresários, a ponto de

A COMPANHEIRA **MARISA**

Discreta, a nova primeira-dama esteve ao lado de Lula nos momentos difíceis e pela primeira vez participou de uma campanha

Marina Monzillo

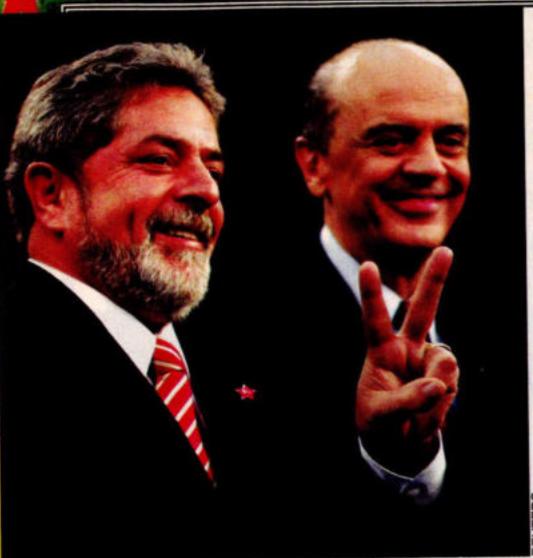
Quando se fala da nova primeira-dama, Marisa Leticia Lula da Silva, os adjetivos sempre remetem a uma mulher forte: guerreira, batalhadora, uma pessoa de fibra. Casada há 28 anos com o presidente eleito, a dona-de-casa de 52 anos ficou viúva em 1970, quando estava grávida e seu primeiro marido, Marcos Cláudio da Silva, foi assassinado. Depois dessa tragédia, reconstruiu a vida, mas continuou a segurar barras difíceis com Lula, que conheceu no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, em 1973. "Quando ele foi para a prisão, em 1980, ela puxou uma passeata de mulheres em São Bernardo, com as esposas de todos os presos", lembra Luiz Eduardo Greenhalgh, deputado federal pelo PT e advogado do ex-metalúrgico na ocasião. Na época, ela fez também um curso de introdução à política brasileira com Frei Betto, depois montou um grupo de estudos políticos em casa e filiou-se ao PT.

Quem acompanhou a campanha do PT este ano não duvida do envolvimento da primeira-dama em atividades do governo nos próximos quatro anos. Durante os últimos meses, Lula sempre apareceu na tevê ou nas fotos de jornal escoltado pela discreta esposa. "Ela teve uma evolução política impressionante", diz Greenhalgh. Nem sempre foi assim. Marisa nunca tomou parte da maratona em eleições passadas. "Ela não gosta de aparecer, não é da índole dela. Seu negócio sempre foi cuidar dos filhos e de suas plantas", conta Frei Betto, amigo de Lula há 22 anos. Mas, este ano, com os quatro filhos crescidos – apenas Fábio, 26 anos, biólogo e ator amador, e Luiz Cláudio, 16, o caçula, moram com o casal na cobertura em São Bernardo –, Marisa se preparou. Repaginou o visual com uma plástica no rosto e um novo corte de cabelo, cedeu aos apelos dos assessores de Lula, subiu nos palanques e entrou para valer na disputa eleitoral. Missão cumprida, Marisa prepara-se agora para se instalar no Palácio do Alvorada, às margens do Lago Paranoá, em Brasília.



"Quando Lula foi para a prisão, em 1980, ela puxou uma passeata de mulheres em São Bernardo", diz Greenhalgh

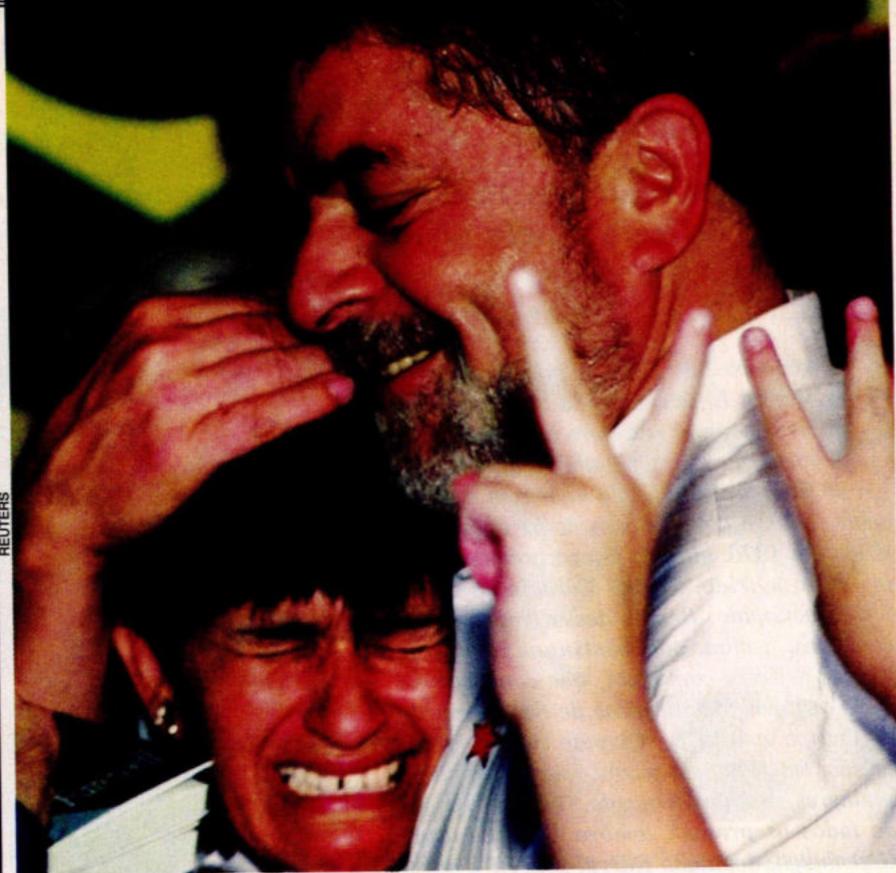
EDU LOPES



REUTERS



EDU LOPES



AP

Lula e Serra no debate da Globo sexta-feira 25 (no alto à esq.). Um dia antes, o publicitário Duda Mendonça encerrava com gosto de vitória as gravações do último programa do horário eleitoral. No domingo 27, em São Bernardo, Lula foi ovacionado por eleitores petistas na hora de votar

instalar um deles, o senador José Alencar, do PL, como seu companheiro de chapa.

“O país mudou e o Lula mudou em muitos aspectos”, diz o coordenador da campanha, Luiz Dulci. Lula mudou o PT. Com José Dirceu, conseguiu que fosse integrado à campanha o publicitário Duda Mendonça, ex-marqueteiro de Paulo Maluf. Desde 1994, Lula queria tê-lo na campanha. Achava que para vencer precisava de alguém com olhar de fora. Duda investiu na emoção. Imagens coloridas, suaves, lúdicas. Atenuou a feição carrancuda do PT com cenas de crianças abraçando uma estrela vermelha, colocou mulheres grávidas caminhando no campo. A popularidade de Lula e do PT subiram à medida que caíam os índices de rejeição de ambos. “Duda é o melhor publicitário do Brasil”, diz Guido Mantega, assessor econômico do PT.

Após se encontrar com o presidente Fernando Henrique Cardoso, na primeira missão oficial como presidente eleito, Lula descansa por uma semana antes de assumir o comando da equipe de transição. “Ele tem uma adrenalina incrível, mas aprendeu que é importante descansar”, diz Mantega, lembrando que um dia antes do debate final contra Serra a obrigação de Lula foi descansar e receber massagens. O governo FHC só findará, efetivamente, em 31 de dezembro. Mas, até lá, decisões que serão tomadas sob esse mandato terão conseqüências no ano de 2003, o primeiro de Lula. Daí a importância da transição. “Em algumas reuniões, principalmente as de ordem econômica, pediremos para participar como ouvintes”, diz Mantega, salientando acordos com o FMI.

O orçamento que vai vigorar no ano que vem é uma das questões que

vão merecer doses de concentração pelo PT em 2002. Como os gastos serão votados neste ano, parlamentares petistas têm a missão de intervir o quanto puderem em questões como as sociais. Diante da expectativa de mudanças embutida na votação de domingo, as lideranças petistas adiantam que é pequena a margem de manobra no primeiro ano de governo. O País será entregue com um caixa apertado e muitas demandas.

O objetivo do PT – promover desenvolvimento com justiça social – terá de ser alcançado gradualmente. O projeto Fome Zero, que pretende atender a 40 milhões de pessoas a um custo de R\$ 20 bilhões por ano, deve atingir 20% do prometido, no primeiro ano. É nesta margem entre o desejo de mudanças e a possibilidade de realizá-las no menor prazo possível que governará o presidente Lula da Silva. **G**

Edições **ISTOÉ** APRESENTA:

UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA DO BRASIL

A VIDA DOS GRANDES BRASILEIROS

Esta incrível coleção de 20 volumes, supervisionada pelos historiadores Afonso Arino de Mello Franco e Américo Jacobina Lacombe, apresenta a biografia de personagens ilustres que construíram a história do Brasil. **R\$300,00**



BRASIL HISTÓRIAS, COSTUMES E LENDAS

Esta obra revela as maiores riquezas do País: sua gente, costumes, crenças e tradições. Escrita por um dos mais respeitados folcloristas brasileiros, o prof. Alceu Maynard Araújo, e ilustrada pelo mestre José Lanzellotti. **R\$150,00**



HISTÓRIA DA REPÚBLICA BRASILEIRA

Considerada a maior obra de história contemporânea já editada no País, esta coleção de 24 livros foi relançada pela Editora Três como parte da comemoração de 500 anos do Brasil. Uma referência obrigatória para quem quer aprofundar seus conhecimentos sobre a nossa história. **R\$360,00**



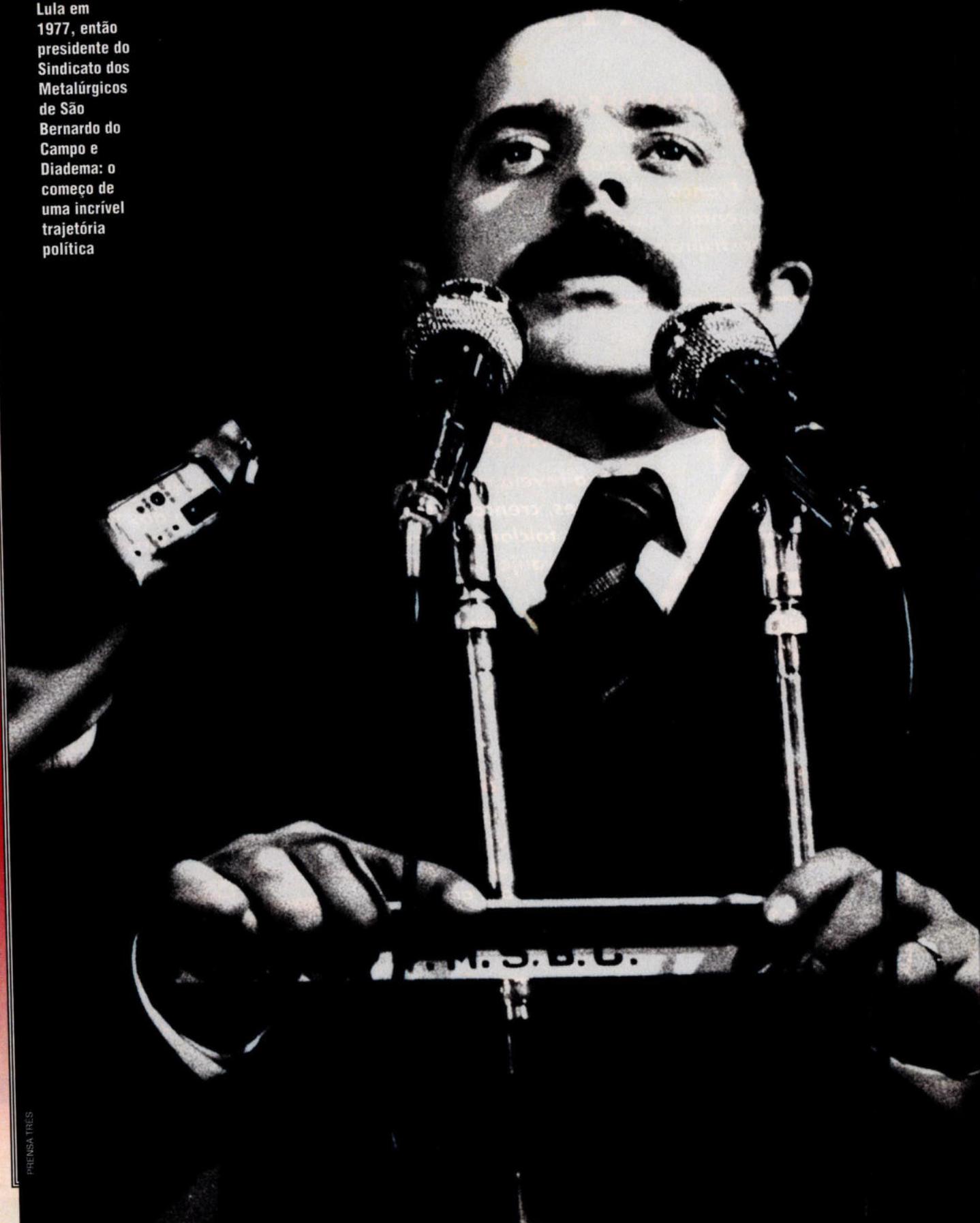
Ligue: 3611-8580/3619-4179

Horário de atendimento: 8:30 às 18:00h

SE PREFERIR
ACESSE:

www.
shopping3.
COM.BR

Lula em 1977, então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema: o começo de uma incrível trajetória política



ASSIM SE FEZ O PRESIDENTE

Já se foram 25 anos, desde que Luiz Inácio da Silva, o Lula, como era chamado na época em que usava apenas um vasto bigode, falou na Prefeitura de São Bernardo do Campo como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos local, para o qual foi eleito dois anos antes. Esta foto talvez seja o melhor registro do líder incipiente, que em 1978 desafiaria o regime militar com a primeira greve por melhores salários em 10 anos de linha dura, época em que as paralisações eram consideradas ilegais e reprimidas pela polícia. Nas 22 páginas seguintes, você acompanhará outros 11 capítulos da incrível trajetória política e pessoal de Lula. E entenderá como e por que o líder sindical, que em 1975 começou a entrar para a história do Brasil, modificou-a profundamente no domingo 27 de outubro (dia em que comemorou 57 anos) ao se tornar o primeiro operário a ser consagrado presidente da República.

*Reportagem de Juliana Lopes, Fábio Farah e Jonas Furtado
Edição de fotos de Edo Lopes*

Nasce o líder

Lula entrou na vida sindical pelas mãos do irmão mais velho, José Ferreira da Silva, conhecido como Frei Chico, quando trabalhava nas Indústrias Villares em 1966. Com 15 anos, ele começou a trabalhar como aprendiz de torneiro mecânico e aos 18 perdeu o dedo mínimo da mão esquerda, por descuido de um colega. Entre 1975 e 1978 foi eleito duas vezes presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e liderou as greves do ABC, após dez anos sem paralisações no País. O movimento iniciado em 12 de maio de 1978 se espalhou rapidamente por outras empresas. Cerca de 150 mil metalúrgicos cruzaram os braços, causando a irritação do presidente da Volkswagen na época, Wolfgang Sauer. “Era uma desordem total. Não havia base legal para fazer greve”, diz hoje o alemão naturalizado brasileiro. Desavenças passadas, atualmente, quando se encontram, os antigos rivais se abraçam. “Concordamos que aprendemos muito com tudo aquilo”, conclui o empresário.

Registro como 1º secretário do sindicato de São Bernardo e Diadema em 1973 e de aprendiz de torneiro mecânico, em 1960. Com 15 anos, trabalhava das 7h às 16h. Em abril de 1985 posa para foto com a “vaca brava” durante greve dos metalúrgicos pela jornada de 40 horas semanais. A tática da “vaca brava” consistia em empregar vários tipos de greve simultaneamente

ED. VIGGIANI

IDENTIFICADORA

NOME: JOSÉ FERREIRA DA SILVA
 VILLAGEM: São José do Rio Preto, SP
 DATA DO NASCIMENTO: 05/05/1955
 CIDADE: São José do Rio Preto, SP
 ENDEREÇO: Rua... nº...
 FONE: ...
 PRIMEIRO NOME QUE USAR: José Ferreira da Silva
 CARGO: Aprendiz de Torneiro Mecânico
 EMPREGADOR: Indústria Villares S/A
 ENDEREÇO: Av. Dr. José... nº...
 FONE: ...
 OBSERVAÇÃO: ...

ATO 10000, 13 DE ... DE 1973

REPRODUÇÃO

LIVRO DE REGISTRO DOS EMPREGADOS

O Sr. *José Ferreira da Silva*
 portador de Carteira Profissional nº 51.799 de nome *José*
 foi admitido em 23 de *agosto* de 1960, no qualificação de *aprendiz de torneiro mecânico*
 com a remuneração de *R\$ 2.300,00* (dois mil e trezentos reais)
 das 7h às 16h30 horas com as interrupções de *uma hora* para refeição e descanso
 Observação: *Trabalha no sábado*

José Ferreira da Silva
 Assinatura do empregado

José Ferreira da Silva
 Assinatura do empregador

Foto do Sr. de matrícula

1º DE MAIO
 TODOS NA PRAÇA DA SE AS 10 HS.

ASSEMBLEIA - A
 18:30 H - NO PAÇO!

FILME: TEMPOS MODERNOS
 01
 02
 03
 04
 05
 06
 07
 08



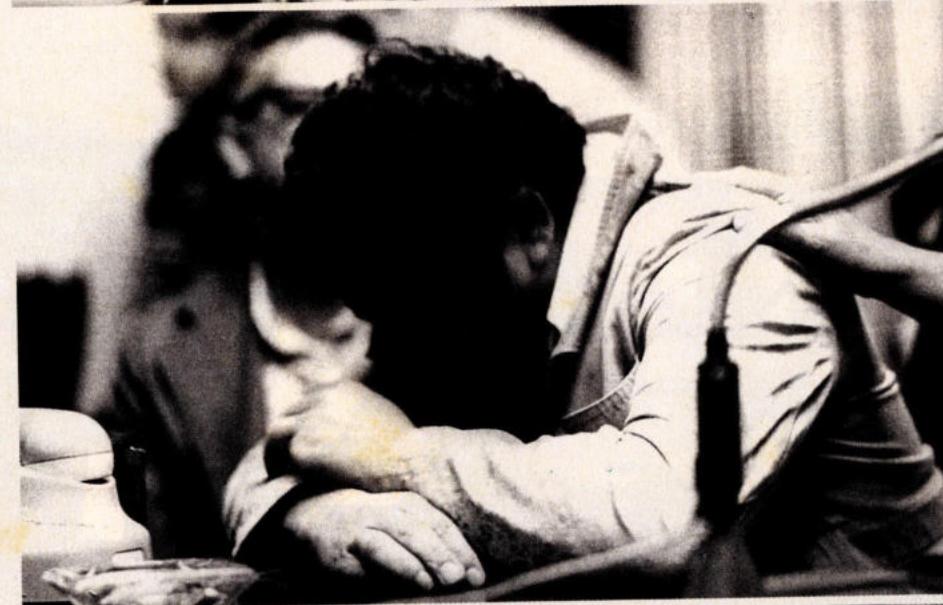
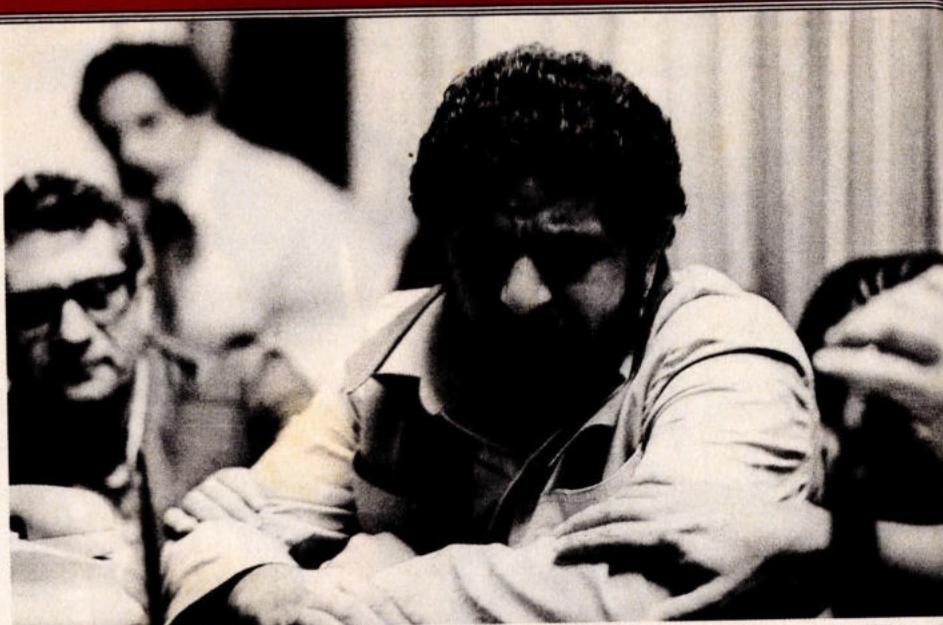
“No meu tempo de metalúrgico eu achava que o mundo girava em torno do metalúrgico. E depois eu descobri que não é assim”

Agosto de 2002

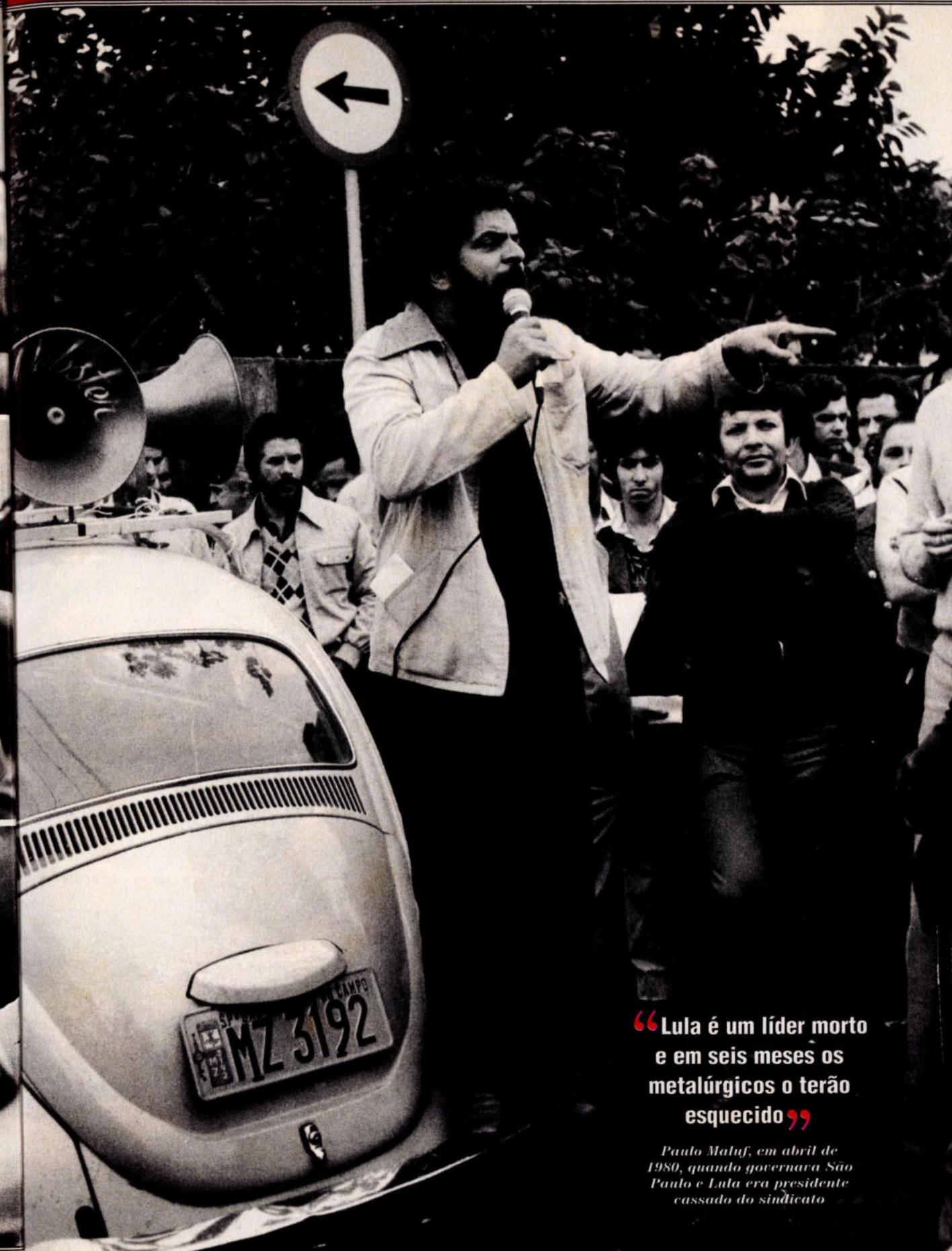
À frente das greves históricas do ABC

No dia 1º de abril de 1980, comemoração do Dia do Trabalho, Lula convocou os trabalhadores a outra paralisação. Cento e quarenta mil metalúrgicos cruzaram os braços e o ato foi considerado ilegal. O ministro do Trabalho do governo Figueiredo, Murillo Macêdo, chamou Lula em sua casa, pediu-lhe para moderar o discurso e julgou tê-lo convencido. “Dias depois, pressionado pelos companheiros, ele voltou atrás”, diz o ex-ministro. No dia 17 de abril, sob pressão militar, Murillo decretou intervenção no Sindicato. “Não queria fazer isso”, recorda-se o ex-ministro, que tem na parede de seu sítio uma foto com Lula jogando bilhar. “Disse aos militares que se Lula fosse preso tornaria-se um herói popular. Não me escutaram.” Dois dias após a intervenção, Lula foi preso com base na Lei de Segurança Nacional. Para o coronel Erasmo Dias, vereador em São Paulo e que na época da prisão trabalhava no SNI, o objetivo do governo militar era esse mesmo: tornar Lula um messias. Certos da decadência do regime, os militares, assegura Dias, conspiraram na intenção de ser fiadores da nova força política do País, para tirar algum proveito dela. “Seu nome era visto com beneplácito e o Dops acompanhou com bons olhos a fundação do PT”, garante hoje o coronel.

Após 15 dias de greve em abril de 1979, os metalúrgicos aprovam o retorno ao trabalho. Paralisação vitoriosa, Lula pôde, enfim, chorar. No ano seguinte, Lula discursa na porta da Volkswagen, em São Bernardo do Campo, quando era presidente cassado do Sindicato dos Metalúrgicos



FOTOS: AGENCIA ESTADO



“Lula é um líder morto e em seis meses os metalúrgicos o terão esquecido”

Paulo Maluf, em abril de 1980, quando governava São Paulo e Lula era presidente cassado do sindicato

HÉLIO CAMPOS MELLO



“Quando fundamos o PT, a minha posição era cômoda. O meu discurso era só metalúrgico. Naquele tempo eu achava que um ex-metalúrgico que tivesse um barzinho era patrão e não deveria estar no PT”

Lula, em 2000

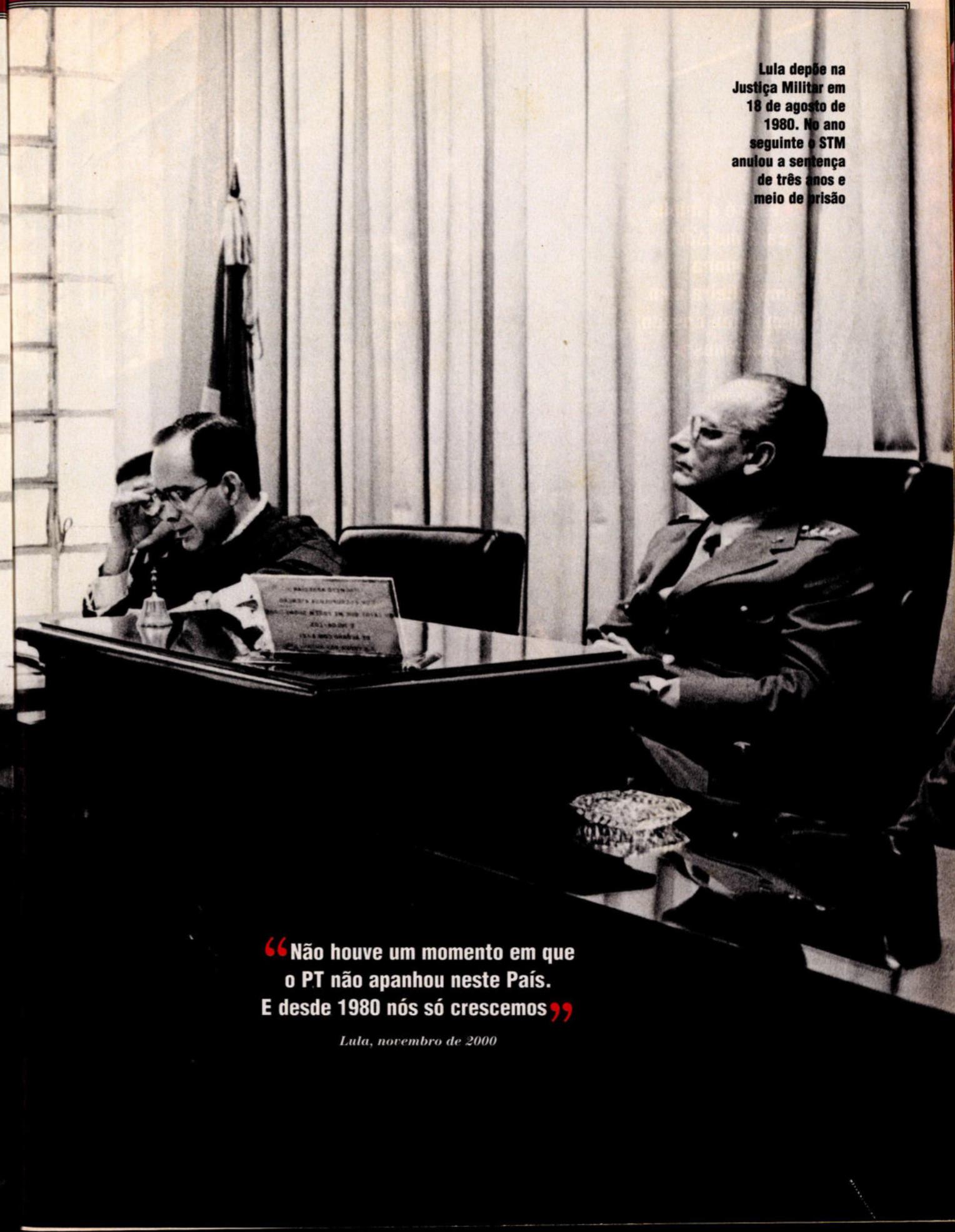
Lula começa a dar as cartas

O dia 10 de fevereiro de 1980 já está na história. Naquela data, 128 pessoas – o mínimo era de 101 – assinaram a ata da fundação do Partido dos Trabalhadores. Entre elas, ilustres intelectuais como Sérgio Buarque de Hollanda, Mario Pedrosa e Apolônio de Carvalho. A fundação do partido era consequência do movimento sindical que chacoalhou o ABC em 1978 e 1979 com greves históricas. Luiz Inácio da Silva começava a alçar vôos mais altos e aumentar sua participação política no cenário nacional. O escritório do advogado Luiz Carlos Greenhalgh, deputado federal pelo PT, foi um dos primeiros lugares onde Lula se reuniu com seus militantes. Greenhalgh advogava no andar de baixo de um sobrado no centro de São Paulo. Os encontros de cerca de 30 pessoas aconteciam no andar de cima. “A decisão de criar o PT foi num hotel em São Bernardo. Fernando Henrique estava lá e pediu para nos juntarmos ao MDB. Dissemos não”, conta o deputado. São Bernardo é o coração do PT. Laerte Demarchi, 57, dono do tradicional restaurante Demarchi testemunhou o nascimento do partido. “Eles varavam a noite discutindo o partido e comendo frango à passarinho com polenta”, conta Laerte, velho amigo de Lula.

O PT foi fundado em fevereiro de 1980 com a participação de trabalhadores e intelectuais. Fernando Henrique queria que os petistas se juntassem ao MDB

Enfrentamento com os militares

Após comandar as greves históricas no ABC e ser preso por 31 dias com base na Lei de Segurança Nacional, Lula foi julgado pelo Tribunal de Justiça Militar. Um dia antes do julgamento de Lula e dos outros líderes sindicais, o advogado Luiz Eduardo Greenhalgh foi ao local buscar as credenciais, quando viu uma cena absurda. "Um soldado já estava datilografando a sentença antes mesmo de o julgamento acontecer. Então pedi que me contasse de quanto tempo seria a condenação de Lula", relata. "Três anos e meio", disse-lhe o soldado. Na mesma noite, na reunião da diretoria do sindicato, Lula, ao saber do fato, bradou: "Não vamos a uma farsa!". E aproveitou para convidar todos os advogados e réus para um café da manhã na casa dele, às 9h, horário do julgamento, que foi anulado. Eles compareceram ao julgamento seguinte, mas a sentença ainda foi a mesma: três anos e meio. No dia 2 de setembro de 1981, o Superior Tribunal Militar anulou a sentença contra Lula e pediu novo julgamento. No ano seguinte, o STM julgou-se incompetente e os processos foram prescritos.



Lula depõe na Justiça Militar em 18 de agosto de 1980. No ano seguinte o STM anulou a sentença de três anos e meio de prisão

“Não houve um momento em que o PT não apanhou neste País. E desde 1980 nós só crescemos”

Lula, novembro de 2000

“Esta é a minha
cara-metade,
a minha
companheira com
quem estou casado
há 28 anos”

Lula, julho de 2002,
sobre Marisa



HELIO CAMPOS NELLO

31 dias na prisão

No dia 19 de abril de 1980, dois dias depois da intervenção no Sindicato dos Metalúrgicos, Frei Betto dormia no sofá da casa de Lula em São Bernardo. Eram 6h30 da manhã quando ouviu gritarem do portão: “Senhor Luiz Inácio da Silva!”. Era uma pessoa do Dops, órgão de repressão da ditadura. Frei Betto bateu na porta do quarto de Lula e deu a notícia. “Ele abriu os olhos, mostrou que ouviu, virou de lado e continuou dormindo”, lembra o frade dominicano. Marisa, impaciente, cutucou o marido: “Levanta, levanta!”. Lula atendeu e, antes de ir embora, virou-se para o amigo e disse: “Cuida da minha família”. O advogado Luiz Eduardo Greenhalgh deu as instruções: “Disse a Lula para ter o cuidado com o que falasse na cela, pois podia ter microfone”. A maior tristeza de Lula na ocasião foi a morte da mãe de câncer. A greve de fome era motivo de reclamação. “Arruma um jeito de acabar com essa greve de fome. Isso é coisa para estudante. O negócio aqui está ruim, e sem comer fica pior”, disse a Greenhalgh. Dom Claudio Hummes, então, pediu o fim da greve. Lula e os outros sindicalistas atenderam na hora. Alguns empresários reclamaram da prisão do líder: “Dissemos ao governo: ‘É uma estupidez. Agora vamos negociar com quem?’”, relata Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, presidente da Fiesp na época. Lula ficou preso por 31 dias.

RICARDO MALTA/AGÊNCIA F4

Abril de 1980: Marisa, mulher de Lula, visita-o no Dops, em São Paulo, onde ele ficou preso durante um mês, e deixa uma sacola para o marido. Ao sair da cadeia, Lula carrega a sacola que a mulher havia levado para ele

Em casa, há 22 anos, com os filhos Sandro Luiz e Fábio. Hoje, ele trocou o cigarro e o charuto pelas cigarrilhas, e dá de presente todos os charutos que ganha



“Em casa Lula é mais liberal com os filhos do que Marisa. Ele é o sinal verde e ela o vermelho. O resultado é o equilíbrio”

Frei Betto

JOÃO BITTAR

Lula com os filhos

Quando está em casa, Lula se sente à vontade de bermuda e chinelo. Gosta de beber cerveja e fumar cigarrilha de vez em quando, depois que abandonou o cigarro e o charuto – dá todos que recebe de presente para o amigo Frei Betto. O presidente eleito casou-se com Marisa oito anos depois de perder a primeira esposa, a operária Maria de Lourdes, em 1966, que morreu de parto, com o bebê. Marisa, também viúva, era mãe de Marcos Cláudio, hoje estudante de psicologia e responsável pelo material de campanha do padrasto. Juntos, o casal teve três filhos, Fábio, 26, biólogo e ator amador de teatro, Sandro, 23, nutricionista, e Luiz Cláudio, 16, que votou pela primeira vez nas eleições desse ano. Lula também é pai de Lurian, fruto do relacionamento com a enfermeira Miriam Cordeiro, e avô de três netos.



A primeira casa em São Bernardo

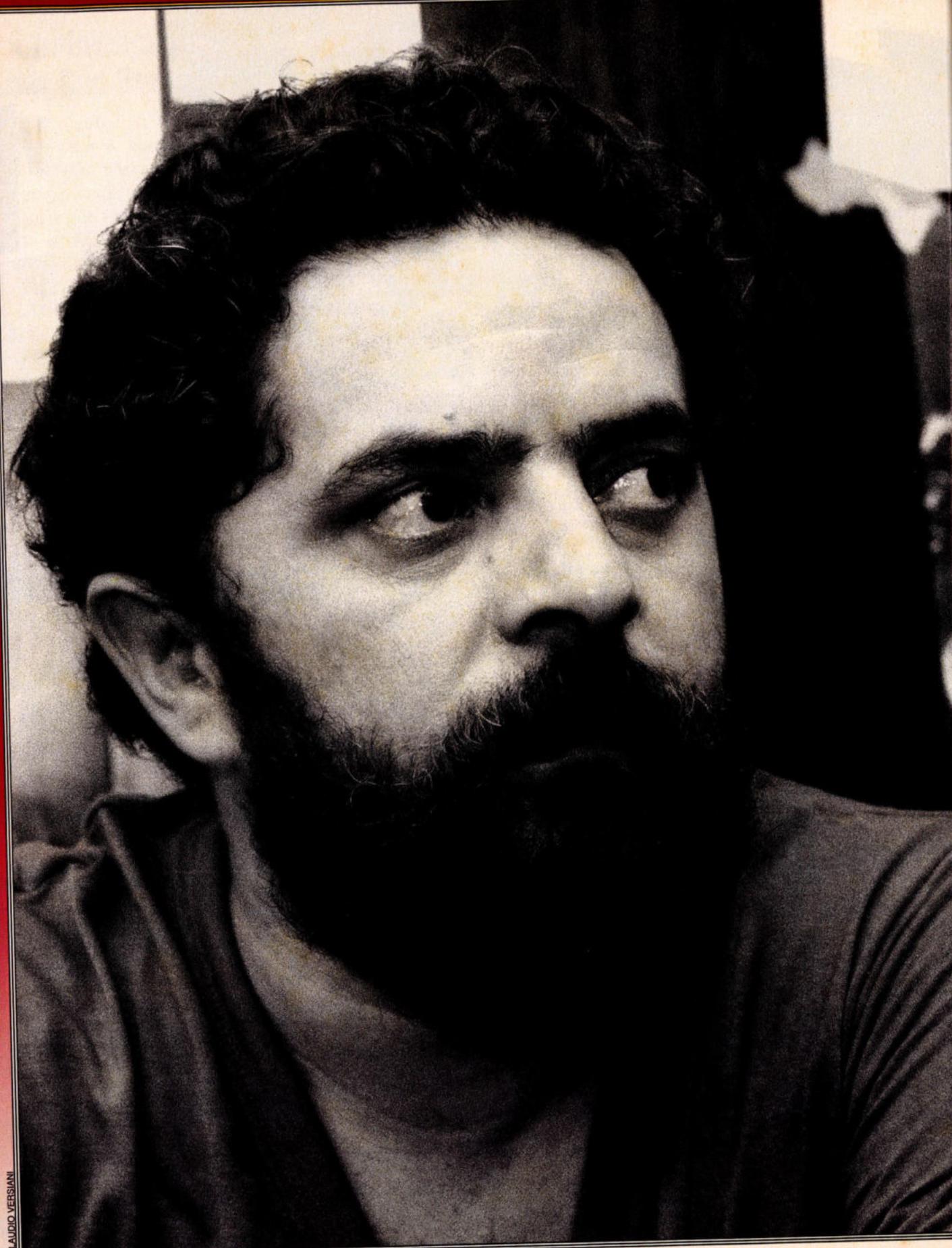
Na primeira casa em que Lula e Marisa moraram em São Bernardo do Campo – cujo segundo andar foi construído mais tarde –, o ex-líder sindical descobriu o prazer de cozinhar. Hoje diverte-se ao preparar coelho e massa com molho à carbonara para os amigos. Se é Marisa quem está no fogão, ele e os filhos cuidam da louça. A família de Lula, que hoje mora numa cobertura na cidade, nunca teve empregada doméstica por exigência dela. Os homens da casa lavam as próprias cuecas e meias. Filha de hortelão, Marisa herdou um sítio em São Bernardo, batizado de Los Fubangos, no qual Lula costuma passar os fins de semana jogando bola com os filhos e netos e fazendo churrasco. Era lá o refúgio dos domingos entre o 1º e o 2º turnos.

Em 1986, Lula, Marisa e os filhos (da esq. para a dir.) Marcos Cláudio, Fábio Luiz, Sandro Luiz e Luiz Cláudio em frente à casa onde moravam em São Bernardo do Campo. Abaixo, os filhos brincando no Fiat 147 da família



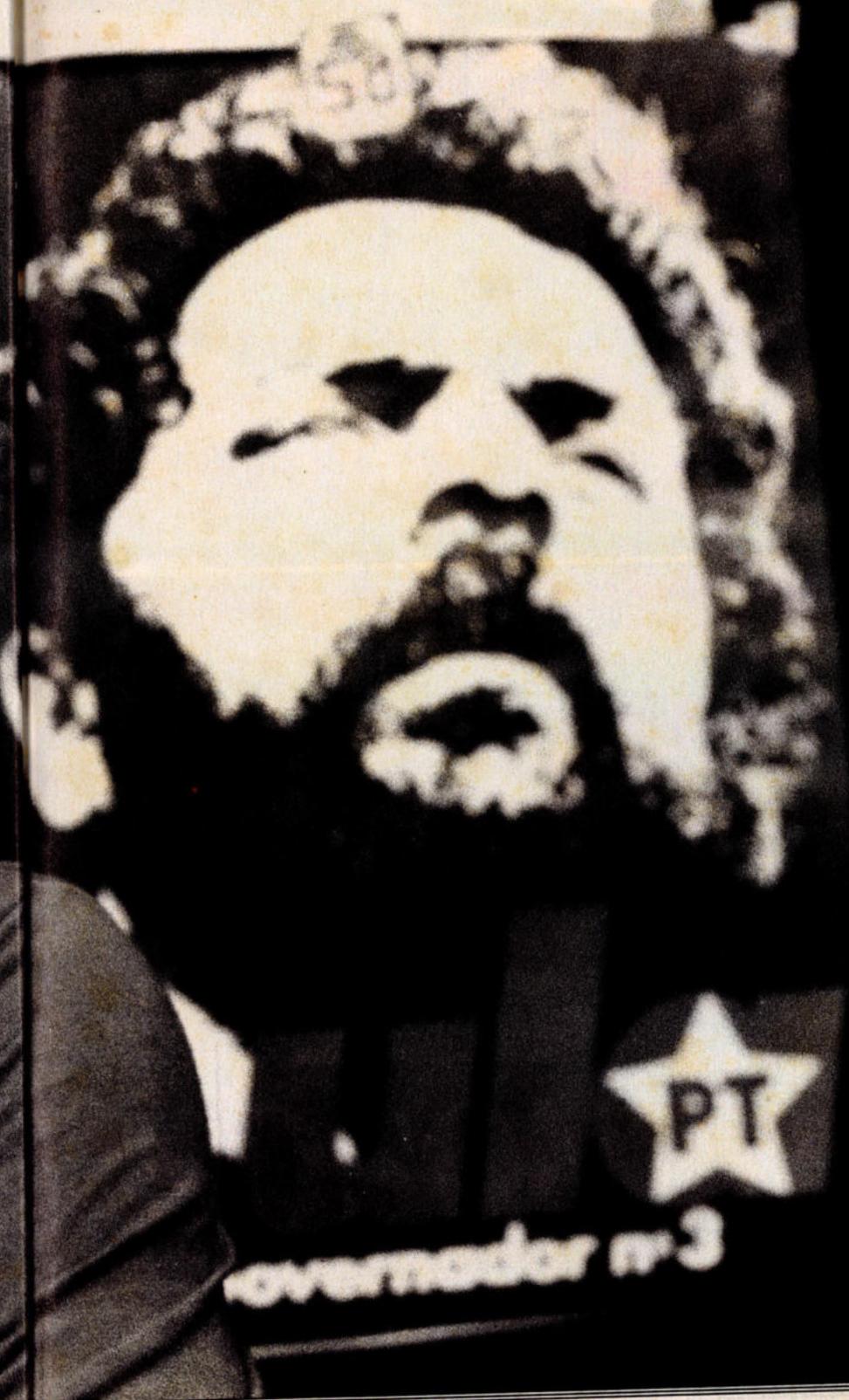
“Lula nunca pensou em se candidatar a nada. Sou candidato a cuidar da mulher e dos filhos”
 Lula, 1986, pouco antes de sair candidato ao governo de São Paulo





“Vote no 3. O resto é burguês”

slogan da campanha de Lula ao governo estadual, em 1982, quando o número do PT era o 3 e não o atual 13



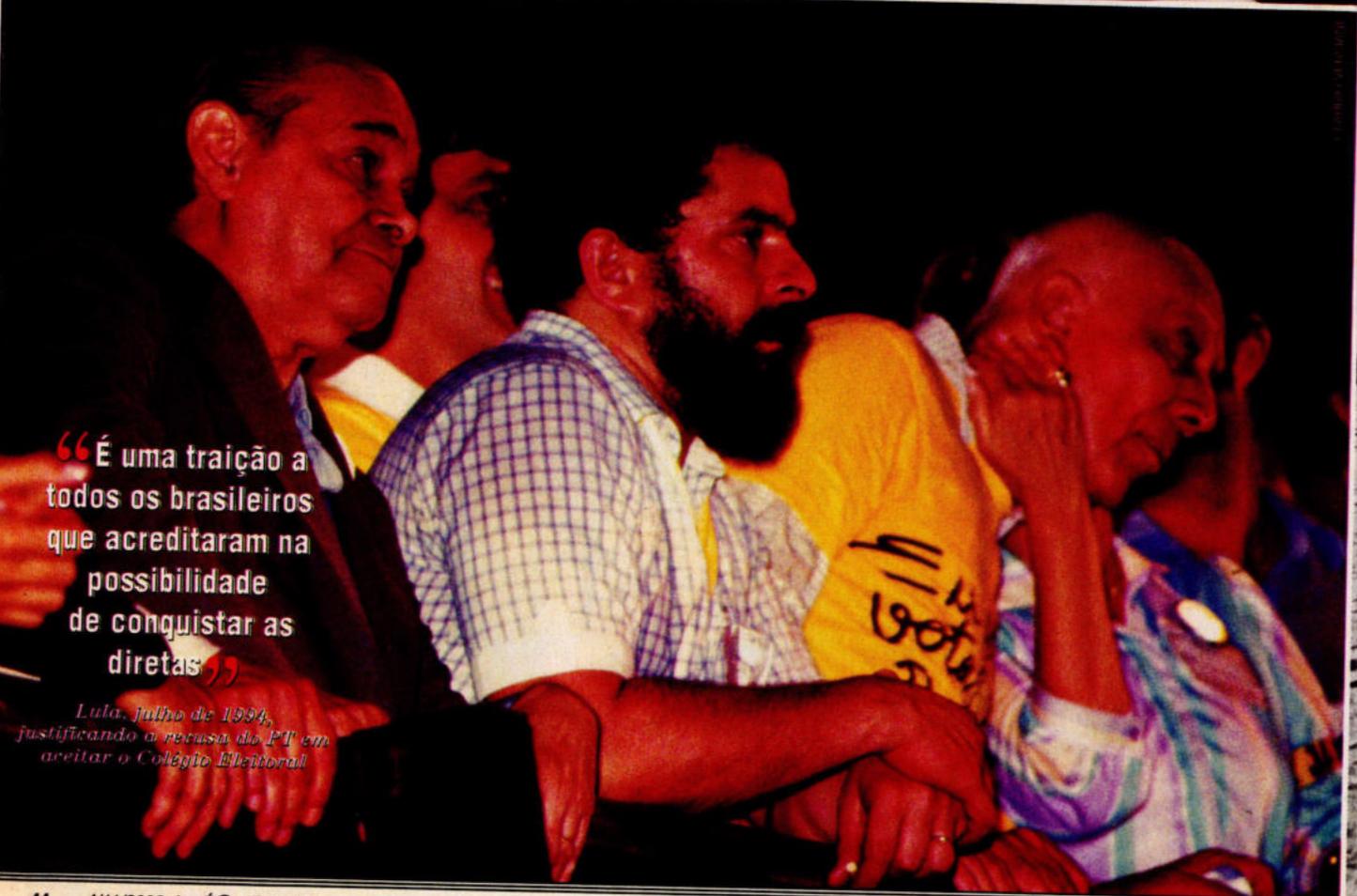
A primeira eleição

Em 1982, Lula tinha um objetivo: mostrar o PT à sociedade brasileira. O partido precisava aparecer, pouco mais de dois anos depois de sua fundação. Como o Estado de São Paulo tinha uma grande importância nacional, o diretório do PT decidiu lançar o presidente do partido para concorrer ao cargo de governador. “Em vários comícios ele dizia que, se alguma pessoa era de um determinado jeito, diferente do que ele achava certo, não precisava votar nele”, conta Vincentinho, Vicente Paulo da Silva, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Nessa ocasião, Luiz Inácio incorporou o apelido Lula à certidão de nascimento. Ele ficou em quarto lugar com 1,1 milhão de votos. André Franco Montoro, do PMDB, ganhou a eleição. Pouco conhecido, Lula passou por momentos cômicos durante a campanha. A mais insólita foi uma confusão. O dono de um bar em São Paulo perguntou a um senhor se sabia quem era o barbudo ali sentado. Lula tomava café depois de um comício. O homem disse que não. O dono do bar, indignado, insistiu: “Mas como você não conhece? Lembra... da televisão!”. Cansado de tanta insistência, o senhor respondeu: “Já sei quem ele é... É o Zé do Cai-xão!”. Lula ficou constrangido, mas não perdeu o bom humor.

Em sua primeira disputa eleitoral, pouco mais de dois anos após a fundação do PT, Luiz Inácio incorporou o apelido Lula à certidão de nascimento. Ele saiu candidato a governador e ficou em quarto lugar, com 1,1 milhão de votos



PARA PT



“É uma traição a todos os brasileiros que acreditaram na possibilidade de conquistar as diretas”

Lula, julho de 1994, justificando a recusa do PT em aceitar o Colégio Eleitoral



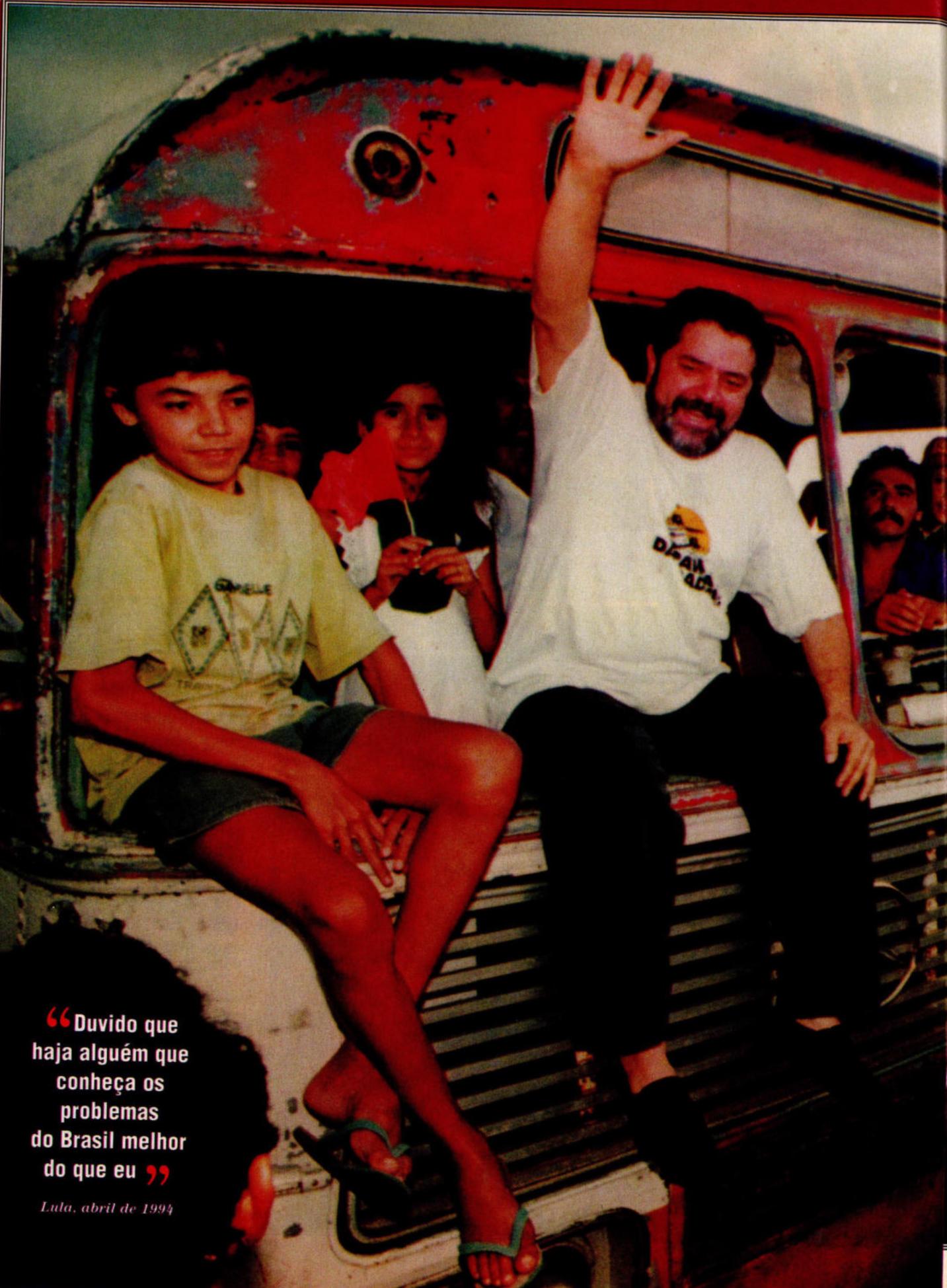
“Existem pelo menos 300 picaretas no Congresso Nacional”

Lula, em 1993, sobre os deputados

Nas Diretas e no Congresso

A primeira nota que Lula recebeu na política foi 10. A avaliação foi do Diap – Departamento Intersindical de Atividade Parlamentar. Eleito o deputado federal mais votado no Brasil, 650 mil votos, em 1986, Lula participou da Assembléia Nacional Constituinte e levou para a bancada do partido discussões sobre os direitos sociais dos trabalhadores. “Se não tem trabalhador no Congresso, como é que os trabalhadores querem defender seus direitos?”, comentava na época. Foi a única função pública que ocupou antes de chegar à Presidência do País. Dois anos antes, em 1984, Lula foi um dos expoentes da campanha das Diretas Já, que varreu o Brasil exigindo eleições democráticas para presidente da República. Representando o PT – era o presidente do partido –, esteve nos comícios ao lado do senador Fernando Henrique Cardoso, do governador de São Paulo Franco Montoro, do prefeito de São Paulo Mário Covas e de Roberto Freire, então deputado pelo PMDB. “Era um Lula atuante, vibrante. Ele já era uma liderança importante, presidia o PT, que era um partido emergente, e nos ajudou a mobilizar a população”, lembra Freire, hoje senador do PPS.

Na campanha das Diretas Já com Fernando Henrique Cardoso (à esq. no alto), entre Tancredo Neves e Ulysses Guimarães (abaixo) e discursando durante a Assembléia Nacional Constituinte em 1989



“Duvido que haja alguém que conheça os problemas do Brasil melhor do que eu”

Lula, abril de 1994

Caravana pelo País após derrota para Collor

Derrotado por Fernando Collor de Mello nas eleições de 1989, Lula decide percorrer o Brasil. Foram mais de 40 mil quilômetros pelo País, entre 1993 e 1996, em uma série de viagens conhecidas como Caravanas da Cidadania. A primeira viagem durou 24 dias e foi da cidade onde ele nasceu, Garanhuns, no interior de Pernambuco, até Vicente de Carvalho (SP), o mesmo trajeto que Lula fez com a mãe e os irmãos em um caminhão de pau-de-arara quando era criança. Ao todo foram seis caravanas que percorreram 360 cidades em 26 Estados brasileiros. “O objetivo destas viagens era o Lula obter uma radiografia do País”, diz José Carlos Espinosa, companheiro de Lula em algumas caravanas e seu atual coordenador de agenda. “Conhecer cada centímetro do Brasil foi a grande faculdade do Lula. Ele se formou na escola da vida.”



Numa das caravanas, em Madalena (CE), com agricultores em março de 1994

Lula desembarcando
em Morradá, na Bahia,
em julho de 1994

Nos rincões do Brasil

Nas viagens com as Caravanas da Cidadania, Lula colecionou histórias. Frei Betto, um dos companheiros de Lula na aventura pelo Brasil, lembra de alguns momentos que ficaram guardados na memória. Certa vez, no Rio Grande do Norte, a trupe parou em uma pequena cidade chamada Pendência. Alguém na viagem fez um trocadilho com o nome da cidade dizendo que ela tinha "Tendência" petista. Lula virou-se para Frei Betto dentro de um ônibus de excursão e disse: "Vai lá ver se tem algo para comer". No único bar da cidade uma mulher idosa dividia o espaço com dezenas de garrafas velhas de bebida, empoeiradas e cheias de teia de aranha. "Tem pão?", perguntou Frei Betto. "Não tem nem água, quanto mais pão", respondeu a mulher. "Ficamos chocados com a situação daquela mulher", lembra-se o religioso.

“A vitória dos Silvas no Brasil vai criar um processo semelhante ao que ocorreu na África do Sul, onde a maioria da população é negra e elegeu o Mandela”

Lula, julho de 2002

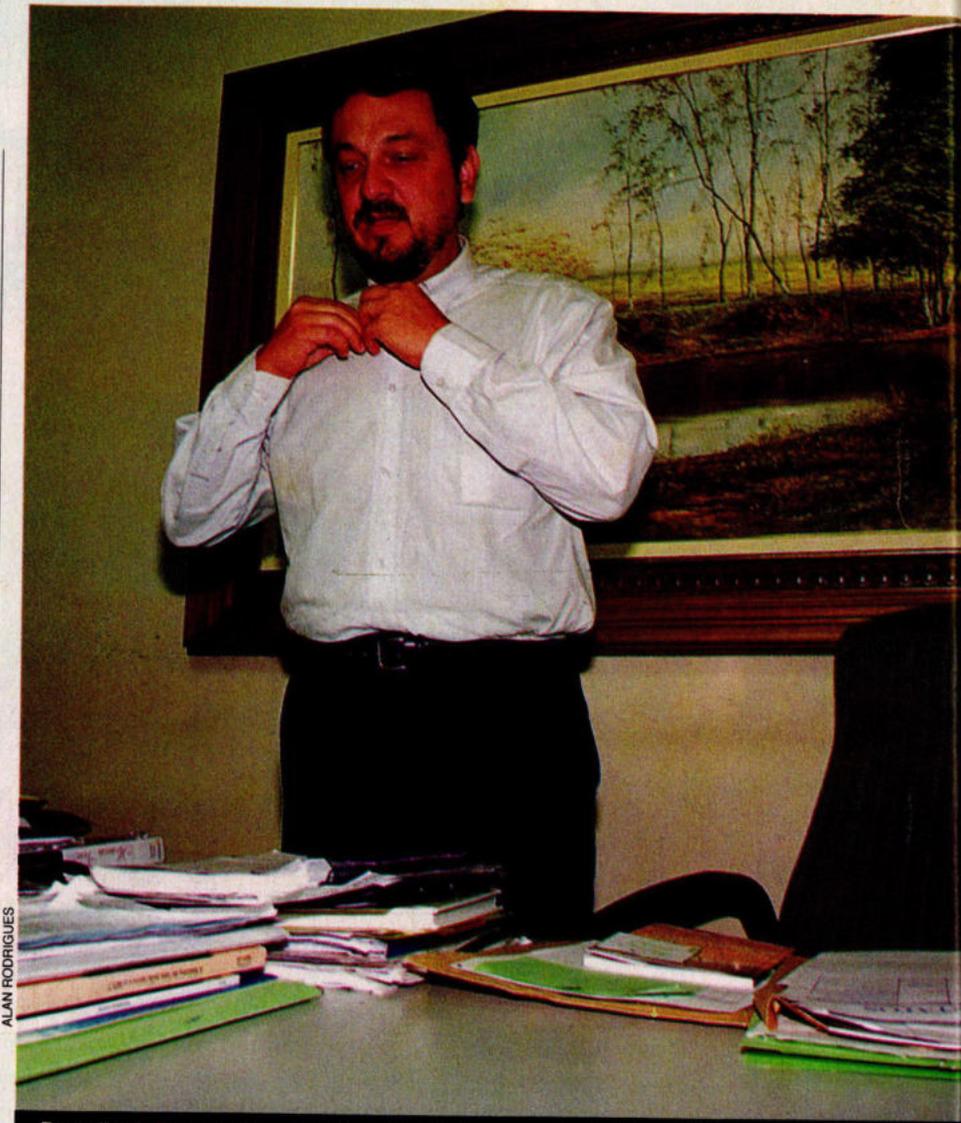
OS PODEROSOS DO PT

Quem são as pessoas com influência no PT e que vão ajudar o novo presidente a governar o Brasil

Antônio Palocci Filho A voz que acalma os mercados

Quando era estudante na Faculdade de Medicina da USP, em Ribeirão Preto, o atual prefeito da cidade, Antônio Palocci Filho, 42, fazia parte do Libelu (Liberdade e Luta), movimento radical de esquerda de tendência trotskista. "Ele chegou a invadir a diretoria da faculdade algumas vezes", comenta o irmão mais velho, Pedro Palocci, também médico. Como político, a habilidade foi ganhando espaço em seu discurso até eleger-se prefeito. "Apesar de participar de um movimento radical, transitava em todas as correntes do partido. Sempre foi aberto ao diálogo", diz Donizete Rosa, chefe de governo da prefeitura. Com a morte do prefeito de campinas, Celso Daniel, Antônio Palocci se licenciou do cargo para mergulhar na campanha presidencial do PT, como coordenador do Programa de Governo. Atualmente é considerado um político de esquerda moderado e se tornou a voz do PT para acalmar os mercados diante da ameaça dos radicais do partido. Está cotado para ministro do Planejamento.

Apesar de ter sido um dos fundadores do PT em Ribeirão Preto e um dos articuladores da CUT ao lado de Vicentinho, a aproximação com o alto escalão do partido aconteceu somente em 1998, quando foi eleito deputado federal com 125.462 vo-



ALAN RODRIGUES

Ex-radical, Palocci aproximou-se do primeiro escalão do PT em 1998

tos, depois de ter passado por todos os degraus da administração regional. O preço da vida parlamentar e do envolvimento na campanha de Lula foi o distanciamento da mu-

lher Margareth Palocci, que conheceu na faculdade, e da filha Carolina de 10 anos. "Ela sente muito a ausência do pai e cobra isso", comenta o irmão Pedro.

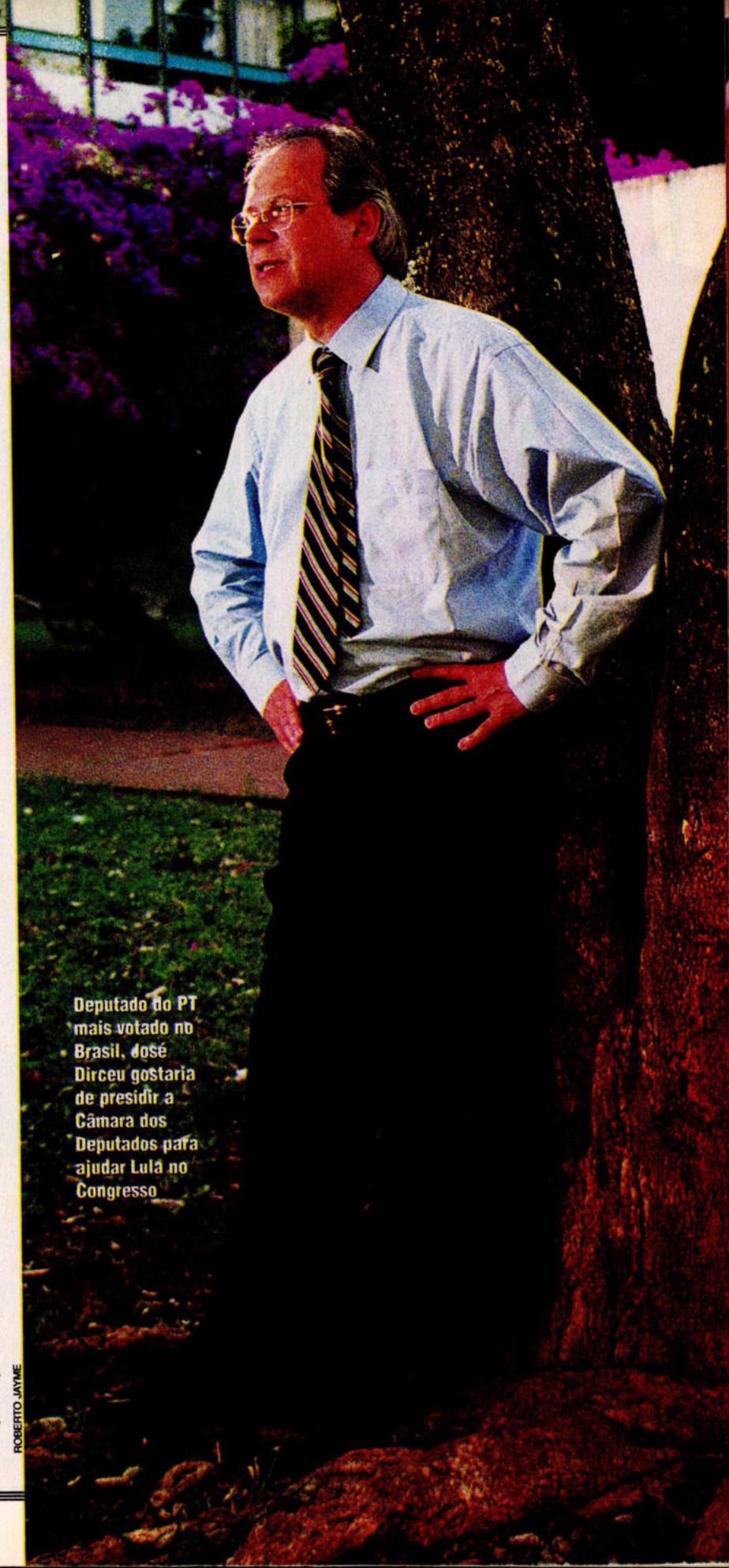
José Dirceu O negociador das grandes alianças

Cabeludo, namorado e com pinta de galã, José Dirceu conquistou a geração de estudantes nos anos 60 com beleza e discurso radical. Militante da Dissidência, organização de esquerda, liderou passeatas e acabou preso em 1968, num congresso estudantil em que era candidato a presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes). Trocado no ano seguinte pelo embaixador americano Charles Elbrick – seqüestrado por militantes da luta armada –, refugiou-se em Cuba. Lá, recebeu treinamento de guerrilha e passou por cirurgias plásticas, que lhe mudaram a feição, para entrar no País, onde permaneceu clandestino.

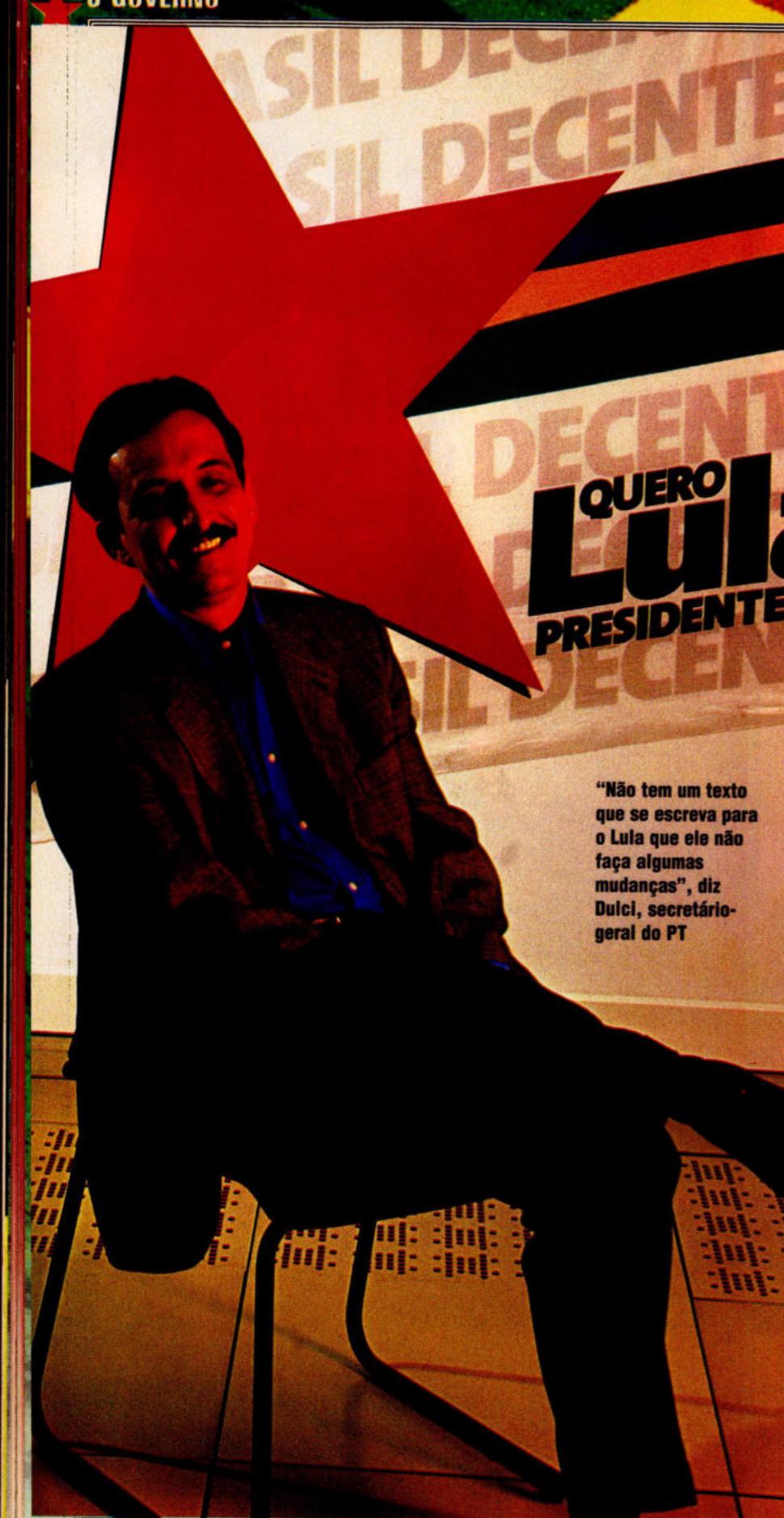
De volta ao Brasil, fixou-se em Cruzeiro do Oeste (PR). Lá, sob identidade falsa, casou-se pela primeira vez e teve um filho, Zeca, que foi candidato a deputado federal, mas não se elegeu. Com a anistia, José Dirceu revelou sua identidade à família, deixou filho e esposa no Paraná e partiu para São Paulo, onde despontou no cenário político. Deputado federal duas vezes, foi eleito em 1995 presidente nacional do PT e assumiu-se defensor de uma aliança ampla. Daí, resultaram a coligação com o PL e o apoio de vários empresários na campanha vitoriosa. Se Lula chegou ao topo, José Dirceu foi a peça-chave que desenhcou o caminho a ser percorrido. "O Zé é um negociador nato. Tem uma capacidade de unir incrível", diz o secretário de Comunicação da prefeitura de São Paulo e amigo, José Américo Dias.

Mineiro de Passa Quatro, casado de novo e pai de outras duas filhas, o caipira assumido Dirceu será o coração da articulação política do governo Lula. Pode se dar ao luxo de escolher o cargo: de ministro da Justiça a secretário geral da Presidência. Mas, reeleito deputado federal por São Paulo com 550 mil votos, o que ele gostaria de ser mesmo é presidente da Câmara dos Deputados. "Como o PT tem a maioria da bancada e o Zé teve uma votação expressiva, seria um caminho. O presidente da Câmara decide a pauta a ser discutida. É um peso político grande", diz o historiador Flamarion Maués, ex-assessor de Dirceu. (Rodrigo Cardoso)

ROBERTO JAYME



Deputado do PT mais votado no Brasil, José Dirceu gostaria de presidir a Câmara dos Deputados para ajudar Lula no Congresso



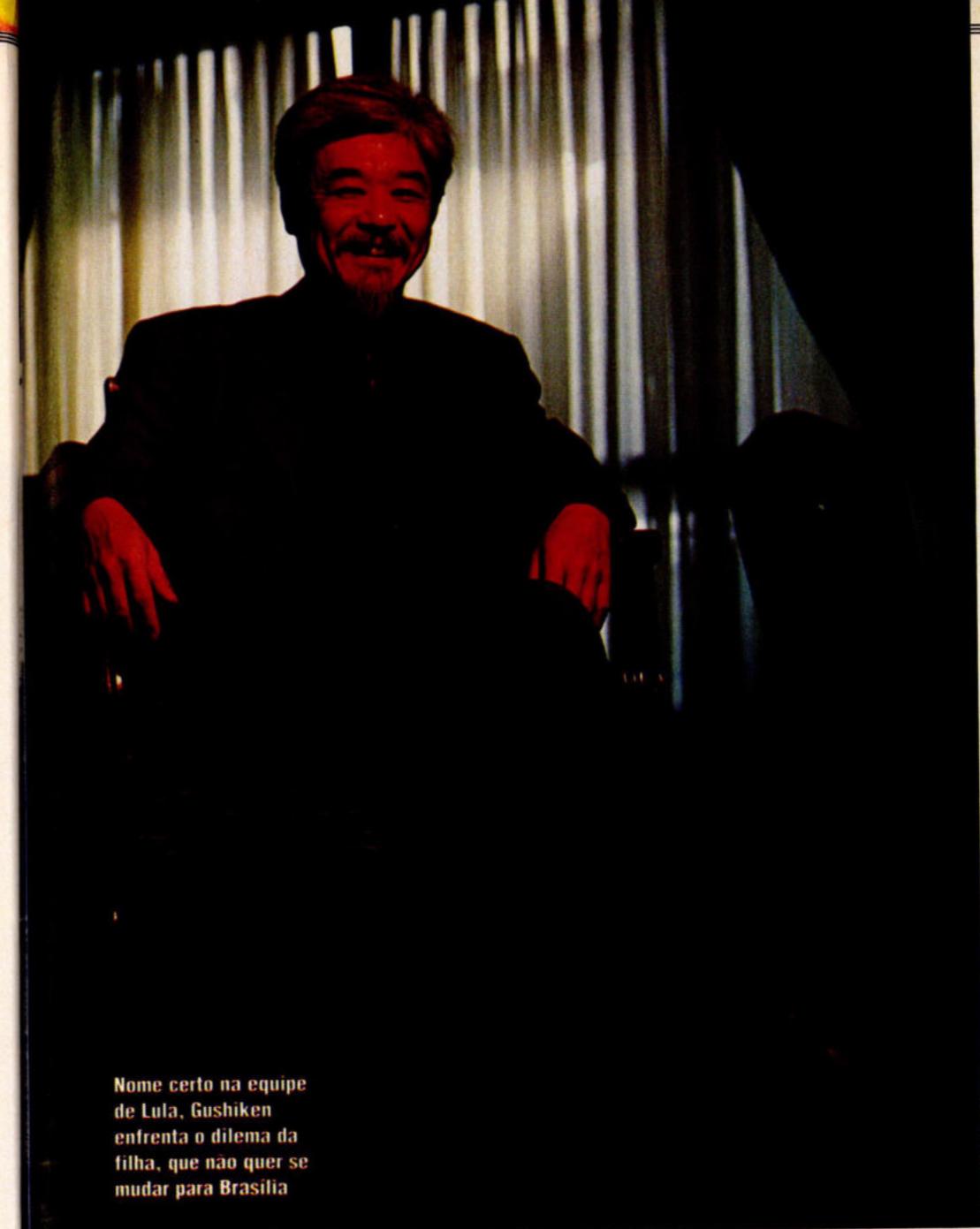
“Não tem um texto que se escreva para o Lula que ele não faça algumas mudanças”, diz Dulci, secretário-geral do PT

DAVI WANSTEIN

Luiz Dulci Jeito mineiro de coordenar

Nos 18 Estados brasileiros percorridos ao lado de Lula, o secretário-geral do PT e um dos coordenadores da campanha ouviu, nos cafés da manhã, coisas do candidato que só os amigos ouvem. “Ele compartilha as dificuldades com as pessoas que ele mais conhece”, conta o mineiro Luiz Dulci, que conhece Lula há 22 anos. Além de confiante, Dulci é o homem a quem sempre coube a missão de redigir os documentos dentro do PT. Amante da literatura, é professor de Língua Portuguesa desde 1974 e foi o primeiro presidente da União de Trabalhadores do Estado de Minas Gerais, em 1979. Autor de vários livros e presidente da Fundação Abramo de estudos políticos, sociais e culturais, é uma das grandes cabeças do PT. “Quando intelectuais como Henfil, Antônio Cândido, Marilena Chauí e Sérgio Buarque de Holanda começaram a se juntar a nós, na década de 80, eu fiquei fascinado. Lula também ficou muito orgulhoso”, conta.

Mas Dulci diz que Lula nunca se deslumbrou. “Ele sempre admirou muitos os intelectuais, transitava entre vários espaços, mas não gostava que eles dessem palpite entre os metalúrgicos lá na fábrica”, relembra. O coordenador acompanhou a evolução de Lula, que hoje é quem dá muito mais palpites nas coisas que os outros escrevem. “Não tem um texto que se escreva para o Lula que ele não faça algumas mudanças”, comenta Dulci, aos risos, referindo-se tanto a documentos quanto a textos para ele falar durante a campanha. Mesmo morando em Minas Gerais, Estado pelo qual foi deputado federal em 1983 e onde sempre teve força política, Dulci nunca se distanciou de São Paulo para estar em contato com Lula: ficava hospedado na casa do amigo, com Marisa e os filhos. Hoje ainda mora com a família em Minas. “O Lula gosta de churrasco. Eu prefiro o torresmo”, comenta o secretário, que deve fazer parte do núcleo político do governo. **(Juliana Lopes)**



Nome certo na equipe de Lula, Gushiken enfrenta o dilema da filha, que não quer se mudar para Brasília

ANDERSON SCHNEIDER

Luiz Gushiken Após vencer enfarte e um tumor, ele estará no governo

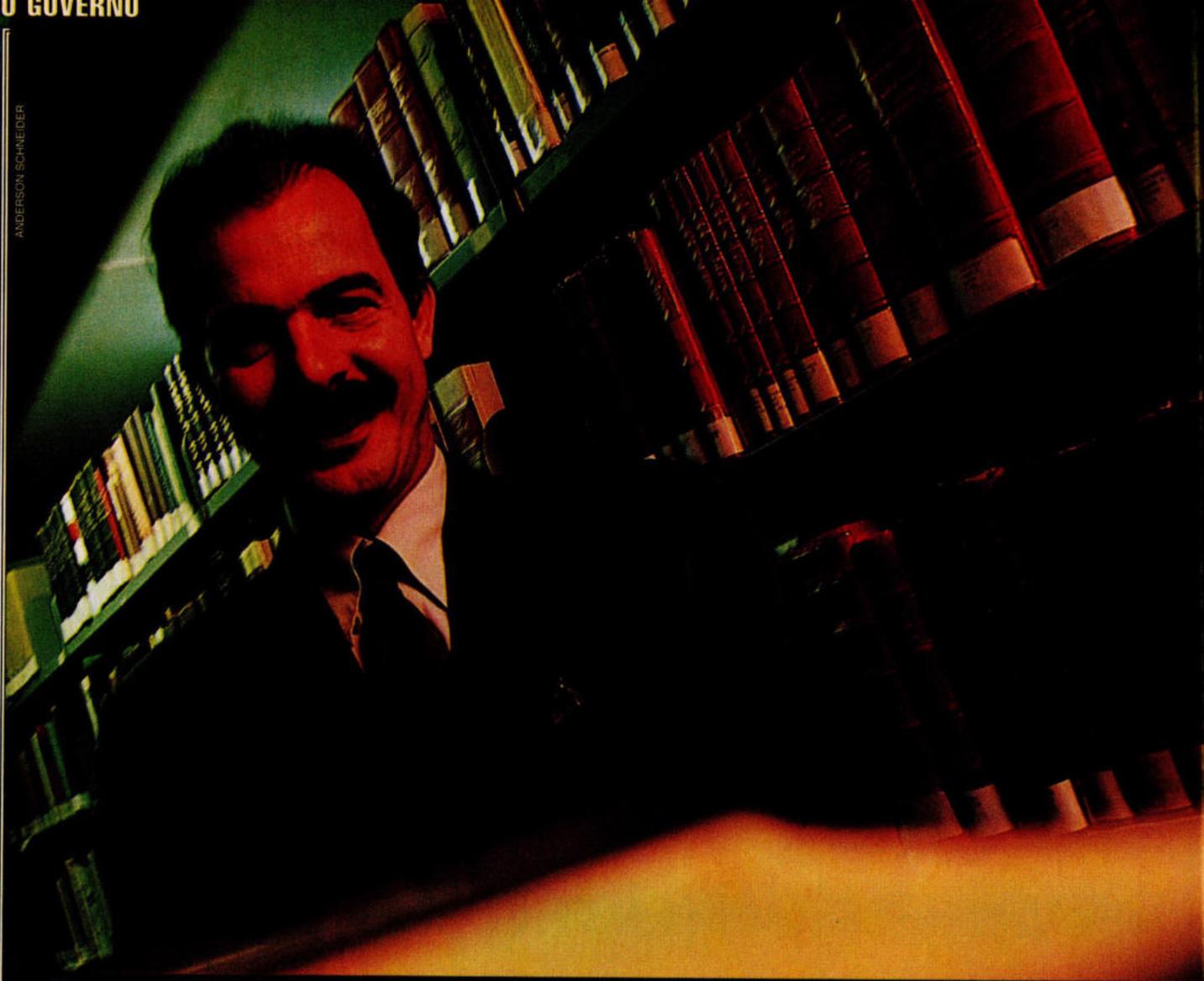
Helena, a filha de 14 anos de Luiz Gushiken, um dos coordenadores da campanha de Lula, chorou na última semana antes das eleições: não queria deixar as amigas de Indaiatuba, interior de São Paulo, para morar em Brasília. A menina e seus dois irmãos já sabiam, tanto pelas conversas em casa quanto pelos jornais, que o

destino certo do pai é estar no governo Lula. “Ainda não resolvemos se vamos mudar. Com o Lula eleito, a gente senta e conversa”, diz a esposa de Gushiken, Elisabeth.

A vitória de Lula tem um gostinho extra para o ex-deputado, advogado e especialista em fundos de pensão. No último ano ele teve dois problemas graves de saúde:

sofreu um enfarte em 2001 e recentemente retirou um tumor do estômago. “Ele quase... bem, ele correu um grande risco de vida”, conta Elisabeth. Quando Lula telefonou à casa da família, em Indaiatuba, no começo do ano para chamá-lo para a campanha, ele avisou que ainda estava se recuperando. “Você pode vir para São Paulo só dois dias por semana”, propôs Lula. Gushiken aceitou. E decidiu alugar um flat porque sabia que a história dos dois dias não passaria de lenda, principalmente para quem se tornou um dos homens fortes da campanha.

Gushiken conheceu Lula na época da prisão do líder petista. Ele era secretário-geral do Sindicato dos Bancários de São Paulo e estava em São Bernardo arrecadando dinheiro para a greve. Acabou sendo preso também, o que o aproximou de Lula, com quem tem amizade desde então. “Ele gosta muito do Lula, está animado, e não se sentiu mal nenhuma vez”, comemora Elisabeth. Cuidados ao ex-deputado não faltaram. Como tem de se alimentar de três em três horas, uma das secretárias do comitê do PT leva uma vitamina de sustagen, um shake nutritivo. Gushiken esteve sob os holofotes quando pediu a quebra do sigilo bancário de FHC depois de examinar documentos que seriam do Dossiê Cayman. Nos últimos dois anos Gushiken esteve afastado da política e agora não deve sair tão cedo. **(Juliana Lopes)**



Ele esteve ao lado de Lula na derrota de 1989: "Quase ninguém ligou para nós porque a festa era do outro", lembra Mercadante

Aloizio Mercadante

A voz econômica do PT

A passagem mais forte na vida do senador Aloizio Mercadante com Lula foi no dia da posse de Fernando Collor, eleito presidente em 1989. Os dois e o assessor de imprensa Ricardo Kotscho assistiram à cerimônia pela tevê, na casa de Lula. "A gente ria porque o telefone não tocava. Quase ninguém ligou porque a festa era do outro. Naquele momento éramos só nós. Ficaram os amigos", lembra. A amizade é tão forte que entre eles o clima é de brincadeira. "Longe das reuniões, sempre contamos piadas e falamos bobagem", diz.

Formado em Economia e Admi-

nistração, ex-bancário, ele é filho de general. Seu pai, Oswaldo Muniz Oliva, pensou em abandonar a patente pois o filho estava fichado no Dops, órgão da repressão na ditadura. Em 1976, ele fazia mestrado e estudava a indústria automobilística quando visitou o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. Lá, conheceu Lula. Mercadante é cotado para o Itamaraty, de onde negociaria a Alca.

"Na área econômica, Lula dá atenção especial ao Aloizio", diz Ricardo Berzoini, deputado por São Paulo. "Estou preparado para assumir qualquer cargo, mas depois de receber votos de 10,5 milhões de pessoas gostaria de ficar no Senado", diz Mercadante, vice de Lula em 1994, e

escolhido em agosto Economista do Ano pela Ordem dos Economistas do Brasil – título já dado ao presidente do Banco Central, Armínio Fraga.

Casado há 20 anos com a socióloga Maria Regina de Barros, com quem tem dois filhos – Mariana, 18, e Pedro, 16 –, Mercadante foi abalado por duas mortes no início dos anos 80: a de sua primeira mulher, Jane, vítima de câncer, em 1981, e a do amigo Luiz Travassos, ex-presidente da UNE, em um acidente em que Aloizio dirigia o carro, em 1982. O novo senador conta que Lula sempre esteve atento aos problemas pessoais dos companheiros. "Ele não deixa os amigos na estrada", diz. **(Juliana Lopes e Jonas Furtado)**



"Fico maravilhado com o pique dele. Lula marca reuniões para as 9h depois de uma noite inteira num avião", conta Mantega

Guido Mantega

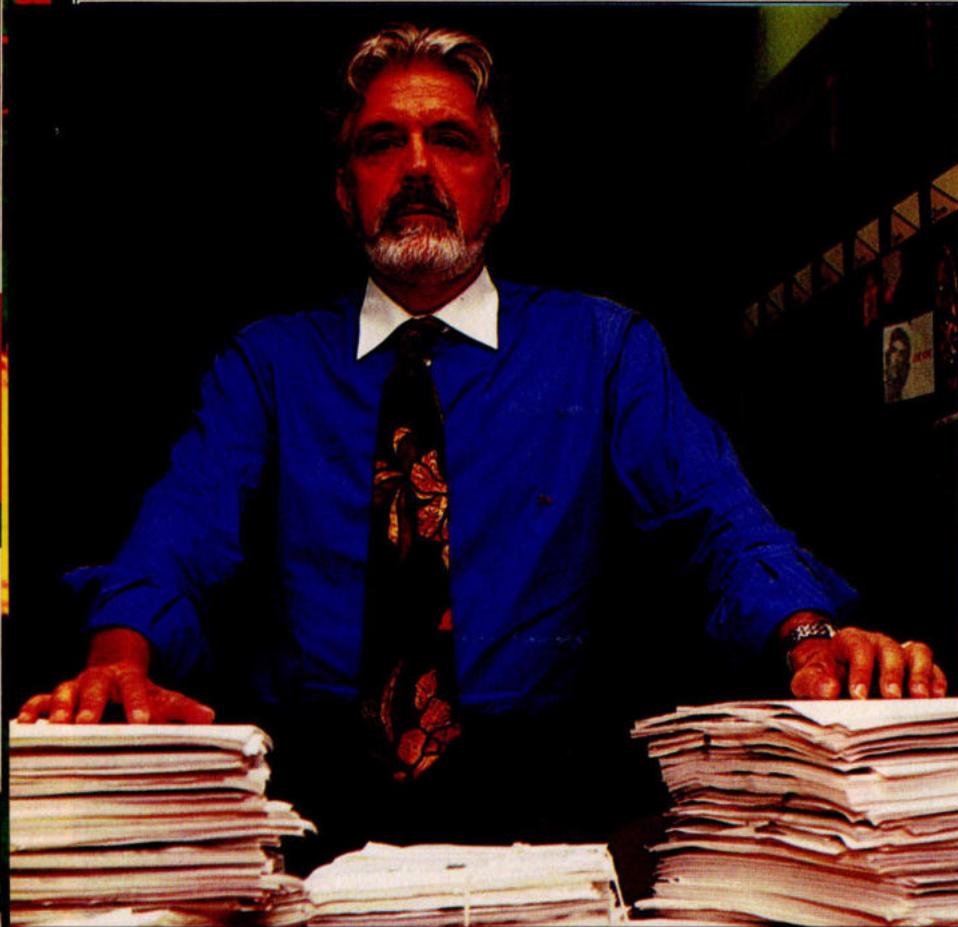
O homem dos números

Numa das últimas viagens que o economista Guido Mantega fez com Lula para a Itália o resultado foi uma gripe terrível. "Eu fico maravilhado com o pique dele. Ele marca reuniões para as 9h depois de uma noite inteira num avião", conta Mantega, professor da FGV, que conhece Lula desde a época da fundação do PT. Chamado em 1989 para fazer parte da equipe econômica do partido pelo colega Aloizio Mercadante, Mantega passou a se encontrar semanalmente com Lula para conversar. As conversas eram analíticas, te-

máticas, e Lula sempre ouvia e opinava muito. "Aprendi muito com a inteligência dele nas conversas. Economistas às vezes falam uma linguagem técnica. Foi o Lula que me dava idéias criativas de como tornar as coisas mais fáceis para as pessoas entenderem", diz Mantega.

Uma das idéias de Lula que Mantega não esquece foi a metáfora da caixa d'água, que foi utilizada na campanha de 1989 para a Presidência. "Orçamento é um tema complexo. É difícil explicar de onde todo o dinheiro entra e para onde vai. Lula deu a idéia de mostrarmos para os eleitores o orçamento como se fosse uma caixa d'água. Aí os impostos eram os tu-

bos de entrada de água e os tubos de saída eram os gastos. Ficou fácil", lembra-se Mantega, que até hoje guarda, no computador, o desenho que os dois fizeram na mesa do escritório. Além das conversas sobre temas específicos – perdeu as contas de quantas vezes sentou com o presidente eleito para falar de inflação e capital externo –, Mantega sempre telefona para Lula se vê algum destaque nos jornais ou se sabe de alguma manobra política. "Analisamos juntos", conta. Casado e pai de quatro filhos, Mantega é mais um nome certo do governo Lula, tanto pela aptidão econômica quanto pela circulação no exterior. **(Juliana Lopes)**



O camiseiro de Wagner confeccionou as camisas usadas pelo presidente Lula

ANDRÉ DUSEK

Jaques Wagner

Pé no Planalto após 2 milhões de votos na Bahia

Carioca que se estabeleceu na Bahia, Jaques Wagner, 51 anos, começou a ter destaque no cenário político quando era sindicalista dos petroquímicos. Num congresso dos petroleiros, em 1978, conheceu Lula, que foi à Bahia e lá falou publicamente pela primeira vez da necessidade de se fundar um partido. Depois desse encontro, Jaques ajudou a fundar a Central Única dos Trabalhadores na Bahia e foi o primeiro presidente do PT no Estado.

Deputado federal três vezes, Jaques disputou e perdeu a eleição para o governo da Bahia este ano. Sua marca no primeiro turno das eleições, porém, aproximadamente 2,1 milhões de votos (39%), surpreendeu gente até do PT. Ele é nome quase certo na equipe do presidente Lula. "Num almoço que tivemos no

início do mês, Lula me disse: 'Prepare-se que quero você na linha de frente', conta ele. "Tenho uma vontade pessoal (de participar do governo) muito grande. Estou preparado e já avisei à família."

Pessoa de muito diálogo, Jaques saiu em carreatas em busca de votos para Lula e manteve contatos com outros partidos na busca de apoio. Trata-se de característica importante, porque quando Lula fala de pacto quer dizer negociação. Jaques - mais precisamente a mulher dele, Maria de Fátima - atendeu a outra demanda de Lula na atual eleição. "Ela fez uma assessoria para ele como produtora de moda. As camisas que Lula veste são feitas pelo meu camiseiro Ernesto e, depois, enviamos para São Paulo." **(Rodrigo Cardoso)**

Sigmaringa Seixas

Elo com a oposição

Conhecido como o advogado dos presos políticos na ditadura militar, o deputado federal eleito pelo PT-DF Sigmaringa Seixas se notabilizou no meio jurídico por casos famosos que defendeu, entre eles o dos padres franceses Aristides Camio e Françoise Gouriou, ameaçados de expulsão do País, e o dos sindicalistas do ABC em 1979, época das grandes greves. Foi aí que conheceu Lula. Natural de Niterói, como advogado, sempre atuou no âmbito dos Tribunais Superiores, área na qual circula com desenvoltura. Na campanha, portanto, acompanhou e atuou em todos os processos contra o PT em Brasília. Outra característica do deputado é a de ser um grande mediador de conflitos. Como mantém amizades em todos os partidos, Sigmaringa provavelmente será o elo entre o novo governo e a oposição, formada por PFL, PSDB e parte do PMDB.

Numa das últimas pescarias de confraternização entre amigos, Lula pescou um jaú de 45 quilos, o que deixou revoltado o deputado. "Até hoje acho que aquilo foi uma armação", diz Sigmaringa. As pescarias aconteciam pelo menos uma vez por ano em Porto Murinho (MS). "Não tem problema, no futebol sou mais eu", conta o deputado, que começou a dividir o campo com Lula na época da Constituinte. Eleitos deputados em 1986, eram de partidos diferentes: Sigmaringa do PMDB e Lula, PT. Reza a lenda que, nesse período, a secretária da liderança do PT na Câmara tinha uma lista de telefones dos 16 parlamentares do partido. O 17º, escrito a lápis, era o de Sigmaringa. "Sempre tivemos grandes afinidades políticas", diz ele, que passou pelo PSDB antes de se filiar ao PT. **(Cecília Maia)**

FELIPE BARRA



Sigmaringa: Mesmo quando não era do PT, era considerado um "companheiro" por Lula



MARCELO MIN

Amigo de Lula da época do sindicato, ele quer criar um Código Trabalhista

Vicentinho

O metalúrgico que também chegou lá

O primeiro emprego de Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, 46, filho de nordestinos do sertão do Rio Grande do Norte, foi de metalúrgico no ABC. "Embora fosse o presidente do Sindicato, Lula não era o ídolo que passou a ser depois da greve de 1980", diz ele. Nessa época, Vicentinho participava do grupo de teatro operário Forja. "Fiz o papel mais horrível da minha vida", diverte-se Vicentinho. "Era policial." À frente do Sindicato, ele terminou o 1º grau e começou a sonhar com a faculdade. Hoje, cursa o 4º ano de direito na Uniban e elegeu-se o 5º deputado federal mais votado de São Paulo e 13º do Brasil, com 254 mil votos. O homem que articulou a Central Única dos Trabalhadores (CUT) sonha usar os conhecimentos para criar um código trabalhista que substitua a CLT. A

meta parece ambiciosa, mas Vicentinho é obstinado.

Religioso, conheceu o país de seus sonhos, a Palestina, onde Jesus Cristo viveu, e mergulhou junto com Frei Betto no lago gelado de Genesaré. "À noite, a luz do quarto ficava acesa porque Vicentinho estava fazendo as tarefas do Telecurso 2º grau", lembra-se Frei Betto, padrinho de seu filho Pedro. O líder sindicalista e político nasceu no chão da fábrica, em São Bernardo do Campo. A intervenção no Sindicato, em 1980, afastou a diretoria e quando voltou às mãos dos trabalhadores, Vicentinho foi eleito vice-presidente. Nessa fase, Lula levou toda a diretoria para uma balança e pesou um a um. "Eu era muito magro", diz. "Lula era brincalhão e disse que quem engordasse estava se pele-gando." O jovem de 59 kg é hoje homem de peso no governo do PT. **(Fábio Farah)**



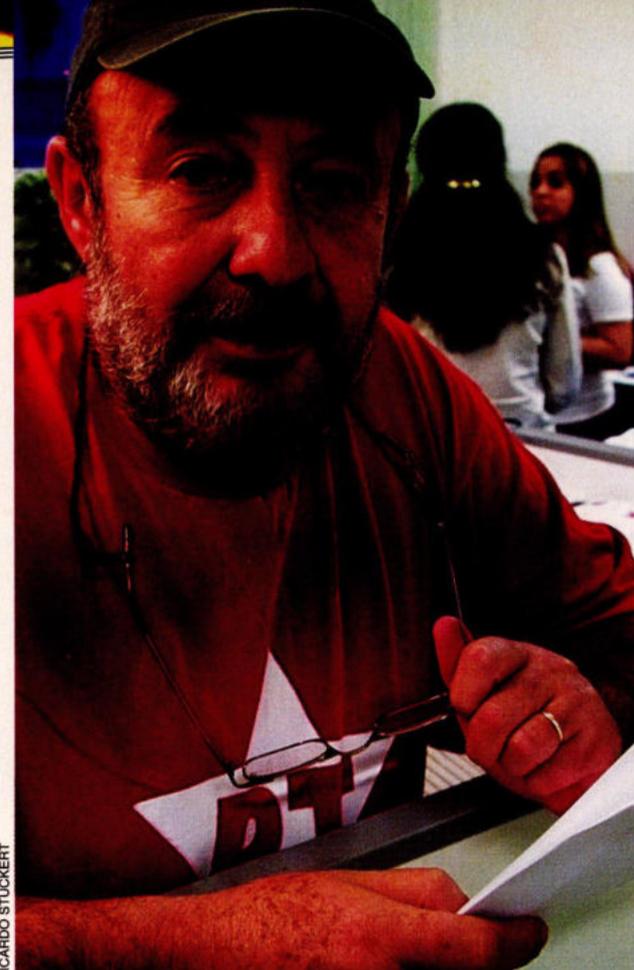
Favre é filiado ao PT há 17 anos e rodou a Europa com Lula

CLAUDIO GATTI



A deputada é filha de estivador e fez duas faculdades

MAX G. PINTO



RICARDO STUCKERT

"Lula metia pau em sindicalista envolvido em política", diz ele



ANA PAULA PAVIA

A relação de Genoino e Lula se estreitou na Constituinte

Luís Favre Ele cuida da área internacional

Militante de esquerda desde a juventude, o argentino Luís Favre era integrante de um grupo que, em 1978 – ano marcado por greves – considerou que ao redor de um líder metalúrgico brasileiro poderia se constituir um partido dos trabalhadores. Após a criação do PT, com Lula à sua frente, a vida de Favre passou a girar ao redor do partido cinco anos depois. Filiado há 17 anos, o assessor da Secretaria de Relações Internacionais do PT passou a fazer o elo entre os petistas e políticos internacionais. Pai de

quatro filhos que moram em Paris e hoje casado com a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, foi ao lado dele que Lula rodou a Europa.

Na campanha para presidente, Favre, de 53 anos, foi o responsável pela ligação entre a coordenação da campanha do partido e a equipe do publicitário Duda Mendonça, o marqueteiro de Lula. "Sabia que Lula podia ganhar essa eleição se conseguisse criar ao redor e sob a liderança dele um novo consenso nacional e uma aliança dos empresários e trabalhadores." (Rodrigo Cardoso)

Telma de Souza Ex-prefeita de Santos pode ser ministra

A deputada federal Telma de Souza, 58 anos, cresceu com a política em casa. O pai, o estivador e líder sindical Joãozinho do Instituto, foi cassado nos anos 60 e sua mãe, Hilda, foi vereadora em Santos (SP). Lá, Telma foi prefeita e elegeu o sucessor, David Capistrano. Conheceu Lula no comitê pela anistia, em 1979. Participou da fundação do PT e é amiga de Lula e Marisa. Telma é cotada para ocupar um ministério. Experiente na área portuária e em educação, pode ocupar a pasta dos Transportes ou da Educação. "Ele pode me recomendar poli-

ticamente, mas não como cozinheira!", diverte-se, ao lembrar que há 10 anos Lula estava em sua casa quando "tentou" cozinhar. "Fui espetar o bife com o garfo e ele voou da frigideira! Ninguém quis comer!", diz ela, que foi professora estagiária em Summerhill, polêmica escola inglesa na qual crianças ditam regras. Separada, mãe de dois jovens, é formada em direito e pedagogia, com pós-graduação em psicologia da educação. A deputada reeleita presidiu a Comissão de Transportes da Câmara e tem bom trânsito com intelectuais do PSDB. (Juliana Lopes)

Ricardo Kotscho O fiel assessor de imprensa

O jornalista Ricardo Kotscho, assessor de imprensa de Lula, é um dos profissionais mais respeitados no País em sua área. Em 38 anos de profissão, colecionou prêmios, ganhou prestígio e a amizade do presidente. Conheceu Lula em 1978, quando cobria as greves do ABC pela *IstoÉ*. Em 1980, já na *Folha de S. Paulo*, foi assessor de imprensa de Lula pela primeira vez sem querer. Kotscho estava na casa de Lula, tomando café, quando um batalhão de repórteres apareceu na porta do então metalúrgico, que havia sido

julgado pela Justiça Militar e acabou preso. "Lula disse: 'Fala com seus colegas que não vai dar para entrar aqui. Dispensa eles que eu não vou falar'." Kotscho, 54, acompanhou o processo de criação do PT, participou de reuniões de sindicatos, mas não se filiou. "Nunca fui dessa turma de luta armada, partido clandestino", diz Kotscho, que acompanhou a transformação do novo presidente. "O Lula não gostava de política. Quando o conheci, ele metia o pau em sindicalista envolvido em política." (Rodrigo Cardoso)

José Genoino Da guerrilha ao poder

Depois de perder para Geraldo Alckmin no segundo turno da eleição para governador de São Paulo, José Genoino deverá ser recompensado com o cargo de ministro da Defesa do governo Lula. Ele se tornou um dos porta-vozes dos interesses militares por cinco mandatos como deputado federal. Uma ironia do destino, pois Genoino já esteve do lado oposto, quando era guerrilheiro na região do Araguaia. O misterioso conheceu Lula em 1979, numa reunião do comitê de solidariedade aos trabalhadores, do qual fazia parte. "Ele me cha-

mou a atenção pela rapidez de raciocínio e maneira como via as coisas", diz Genoino. Uma frase do líder sindical, após a fundação do PT, jamais saiu de sua cabeça: "Companheiro, você é nordestino e eu também. A gente já nasceu perdendo. É um milagre a gente estar aqui hoje". O relacionamento dos dois se estreitou durante a Assembleia Nacional Constituinte, em 1986, quando Genoino era um dos vice-líderes do PT. "Às vezes a gente discutia", recorda-se. "Eu era um esquerdista radical e achava o Lula muito moderado." (Fábio Farah)

O FIM DE UMA ERA

O insucesso eleitoral de José Serra encerra oito anos de poder dos tucanos, marcados pelo controle da inflação e pela economia estagnada

Cecília Maia

O rosto que era sapecado com *pancake* por um maquiador da Rede Globo transparecia o cansaço dos últimos dias, freneticamente dedicados à tentativa de virar o enorme favoritismo de Lula. "Ainda bem que isso tudo está acabando. Não agüento mais ter de fazer maquiagem", brincava o senador José Serra na sexta-feira 25, no camarim da emissora, no último debate dos presidencialistas. Dois dias depois, acabaram não apenas a campanha presidencial, com a derrota de Serra, mas também oito anos da era em que os tucanos assumiram o poder, controlaram a hiperinflação, mas diante de sucessivas crises internacionais, deixaram o Brasil com desemprego elevado e economia estagnada.

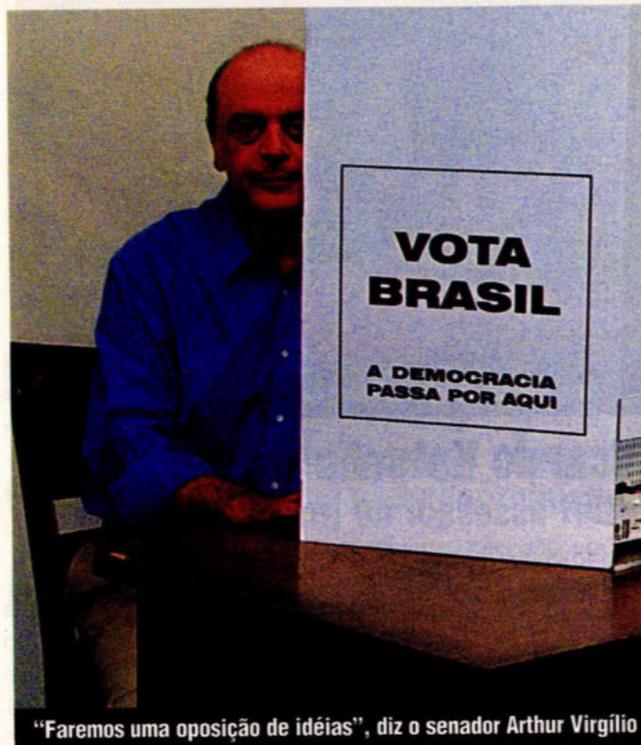
Daqui para frente, o novo desafio do senador será o de disputar o comando do PSDB, o que promete ser tão difícil quanto a campanha presidencial. Mas nada que ame-dronte um político obstinado que enfrentou boa parte de seus próprios pares para se tornar candidato à Presidência da República. Tantas mágoas ficaram pelo caminho que, no ninho tucano, a revoada pela primazia do partido começou bem antes do início do segundo turno. Para o grande público, diziam acreditar numa virada na reta final da campanha, mas para o pú-

blico interno as negociações já corriam soltas.

"A eleição marca o fim da hegemonia paulista no PSDB", anunciava Tasso Jereissati, senador eleito pelo Ceará, na quarta-feira 23, após um jantar em sua casa oferecido para o governador eleito de Minas Gerais, Aécio Neves, e o candidato derrotado pelo PPS, Ciro Gomes, que entre garfadas de risoto de camarão, berinjela refogada e empadão de palmito, regados a sucos de cajá e graviola, foi convidado a voltar ao partido.

Aécio e o governador reeleito por Goiás, Marconi Perillo, vitoriosos no primeiro turno, ostentam credenciais incontestáveis para comandar o PSDB. Bem ao estilo mineiro, o neto de Tancredo Neves ganhou os cearenses e cooptou o goiano sem deixar parecer aos paulistas que avança o sinal. "Na reposição de lideranças após a eleição, com certeza Aécio é uma forte tendência", reforça Tasso.

Não será fácil assim. Serra sai



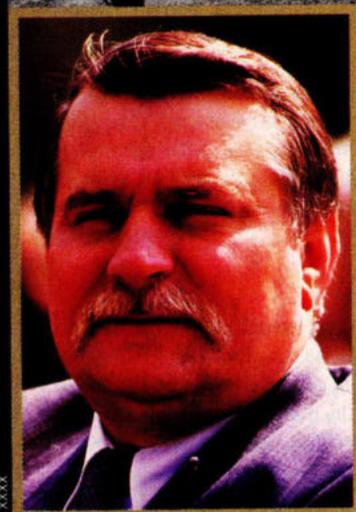
"Faremos uma oposição de idéias", diz o senador Arthur Virgílio

das urnas maior do que entrou. Com o aval de um terço do eleitorado brasileiro, conta com a fidelidade de Geraldo Alckmin, governador de São Paulo reeleito. "É a terceira vez consecutiva que ganhamos o governo paulista", diz José Aníbal. Para os paulistas, a condução de Serra ao comando do partido é o caminho natural, o que vai significar uma oposição mais pesada ao governo do PT. "Não será uma oposição de tocar apito ou fazer panelaço. Será uma oposição de idéias", afirma o senador eleito pelo Amazonas, Arthur Virgílio. ■

"A eleição marca o fim da hegemonia paulista no PSDB"

Tasso Jereissati,
senador eleito
pelo Ceará

Serra, que sai da eleição maior do que entrou, com um terço dos votos dos brasileiros, quer ser presidente do PSDB e liderar oposição a Lula



Em 1981, Luiz Inácio Lula da Silva foi apresentado, em Roma, ao líder polonês e fundador do Solidariedade, Lech Walesa, em um encontro histórico. Hoje, Walesa, vencedor do Nobel da Paz de 1983, trabalha em uma empresa americana de software na Carolina do Norte

por Dirceu Azevedo Jr.

Lech Walesa

A foto mostra o presidente eleito do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, em uma de suas primeiras vitórias. Em janeiro de 1981, Lula foi à Europa apresentar ao mundo o novo sindicalismo brasileiro. Entre os compromissos em países como a Itália e a Suécia, encontrou em Roma Lech Walesa, líder dos sindicatos independentes da Polônia que desafiaram o comunismo.

A trajetória de Walesa tem alguns pontos em comum com a de Lula. Nascido em 29 de setembro de 1943, em Popowo, ele também parou cedo de estudar e ganhou projeção com movimentos grevistas. A popularidade transformou Lech Walesa em presidente da Polônia em 1990, ano em que Lula teria sido empossado, caso Fernando Collor não o tivesse derrotado em 1989.

Lech Walesa trabalhou como mecânico, serviu ao Exército e, aos 24 anos, assumiu a função que mudaria sua história. Como electricista no

estaleiro Lênin, em Gdansk, comandou greves, acabou preso e passou a ocupar o noticiário. Walesa foi, em 1974, um dos fundadores do Solidariedade, principal entidade sindical do Leste Europeu.

Vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 1983, o líder atravessou os anos 80 sem dar trégua ao comunismo. Na Presidência da República, decepcionou seus admiradores ao implantar um pacote recessivo e ameaçar empregar a força para punir grevistas, sendo derrotado pelo comunista Aleksander Kwasniewski em 1995. Pouco antes, em visita ao Brasil, o polonês foi recebido pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e fez um comentário que se tornou duplamente ultrapassado. "Em 1981, eu já saía do comunismo, e Lula encontrava vantagens nesse sistema. Seu ponto de vista era diferente do meu. Penso que eu tinha razão. Eu me tornei presidente. Lula, não", disse Walesa, que hoje trabalha em uma empresa de software da Carolina do Norte, no Estados Unidos.